

ÉMILIE COLLIGNON e J.C.A.R.

ENSINAMENTOS MEDIANÍMICOS

A EDUCAÇÃO MATERNAL

CONSELHOS ÀS MÃES DE FAMÍLIA

*

O CORPO E O ESPÍRITO



PESQUISA, COORDENAÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS
JORGE DAMAS MARTINS
STENIO MONTEIRO DE BARROS

CRBBM

CAPA

O opúsculo é produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à Sra Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que assina *Étienne*, desconhecido da médium. Essas instruções, antes publicadas em artigos avulsos pelo jornal *Sauveur*, foram reunidas em brochura.

É com prazer que aprovamos esse trabalho sem reservas, tão recomendável pela forma, quanto pelo fundo: estilo simples, claro, conciso, sem ênfase, nem palavras vazias de sentido; pensamentos profundos, lógica irreprovável, é bem a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboroso de Espíritos que julgam compensar o vazio das idéias pela abundância das palavras. Não tememos fazer estes elogios porque sabemos que a Sra Collignon não os tomará para si e que seu amor-próprio não será superexcitado, assim como não se melindraria com a mais severa crítica.

Nesse escrito, a educação é encarada sob seu verdadeiro ponto de vista em relação ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerado desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. As mães espíritas, melhor que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que encerra, razão por que recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção.

A brochura é rematada por um pequeno poema: *O corpo e o espírito*, também mediúnico, que mais de um autor de renome poderia assinar sem receio.

ALLAN KARDEC

ORELHAS:

É com prazer que aprovamos esse trabalho sem reservas.

ALLAN KARDEC

A Educação materna, comunicação mediúnica ditada à senhora Collignon, é a exposição sucinta, mas substancial, exata e profunda de todos os deveres da mulher em todas as épocas de sua vida: criança, moça, esposa e mãe.

ARMAND LEFRAISE

Eu visitava os grupos espíritas dessa cidade; nela já havia um número bastante grande. Os mais freqüentados eram os da Sra Collignon, da Srta. O'kine, dos Srs. Roustaing, Krell, Alexandre, etc.

ALEXANDRE DELANNE

[...] um dos médiuns mais estimados e interessantes que possui o espiritismo, a Sra Émilie Collignon.

J.-B. MAIN, Doutor em Direito

A Sra Émilie Collignon, de Bordeaux, nossa inteligente e infatigável irmã espírita.

P.-G. LEYMARIE

Conhecemos todo o devotamento e o interesse que a Sra Collignon tem pelo Espiritismo; conhecemos o bem que ela faz em nome dele; a fim de fazê-lo amado e, sobretudo, a profunda caridade que a anima.

A. BOURGÉS

Senhora Collignon (Émilie)... Ela foi a célebre médium que escreveu para J.-B. Roustaing, chefe da ordem dos advogados de Bordeaux, os famosos Evangelhos revelados.

J. MALGRAS

Esta senhora foi o único Médium que serviu à grande Revelação (Os Quatro evangelhos). Ela não emitiu nenhuma opinião que lhe fosse pessoal, muito ao contrário.

RENÉ CAILLIÉ

▪ **JORGE DAMAS MARTINS** nasceu em 1957, graduou-se em psicologia e atua há 23 anos em destacada empresa do setor financeiro. Desde 1978 realiza palestras sobre Psicologia do Eu profundo e empresarial, espiritismo, parapsicologia, Filosofia oriental e hermética, I Ching, Monismo de Pietro Ubaldi etc. é autor de dez livros já publicadas.

▪ **STENIO MONTEIRO DE BARROS** nasceu em 1945, graduou-se em engenharia mecânica pela antiga Escola Nacional de Engenharia (atual UFRJ) com especialização pela ESSA (Escola Superior de Soldagem) de Paris (França). Desde seu ingresso na Petrobrás, em 1969, vem realizando trabalhos na área de recursos humanos, como professor e coordenador dos cursos de engenharia, sendo atualmente consultor sênior. Desde 1984 vem desenvolvendo o estudo da Doutrina Espírita na empresa onde trabalha e em diversos centros espíritas do Rio de Janeiro.

ÉMILIE COLLIGNON e J.C.A.R.

ENSINAMENTOS MEDIANÍMICOS

A EDUCAÇÃO MATERNAL

CONSELHOS ÀS MÃES DE FAMÍLIA

*

O CORPO E O ESPÍRITO



PESQUISA, COORDENAÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS
JORGE DAMAS MARTINS
STENIO MONTEIRO DE BARROS

@ 1864 Armand Lefraise
Título original francês:
ENSEIGNEMENTS MÉDIANIMIQUES
L'ÉDUCATION MATERNELLE
CONSEILS AUX MÈRES DE FAMILLE

*

LE CORPS ET L'ESPRIT

Paris / Bordeaux: Ledoyen Libraire-Éditeur et Feret, Libraire, 1864, 31pp.

EDIÇÃO

Jorge Damas Martins

Rua Alberto de Sequeira, 5/202

CEP: 20260-160 - Rio de Janeiro-RJ

Tel./Fax: (21) 2204-3694

Correio eletrônico: jdamas@globo.com

Publicação autorizada segundo o *Service Reproduction* da *Bibliothèque Nationale de France* (No de Client: 82170)

PESQUISA, COORDENAÇÃO, INTODUÇÃO E NOTAS:

Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros

TRADUÇÃO:

JOSÉ AUGUSTO CARVALHO

REVISÃO:

José Antonio de Carvalho

CAPA:

Madona dos Prados de Rafael

Kunsthistorisches Museum, Viena

1.000 exemplares

1º edição – Maio/2006

Impresso em offset nas oficinas da

FOLHA CARIOCA EDITORA LTDA

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio,
somente será permitida com a autorização por escrito do editor.
(Lei No 9.610 de 19.02.1998)

Impresso no Brasil

Presita en Brazilo

Os coordenadores da edição brasileira incluem esta publicação entre os marcantes eventos do Bicentenário de Nascimento de Jean Baptiste de St Omer Rousstaing, Apóstolo do Espiritismo.

Agradecemos de coração as prestimosas colaborações dos queridos amigos de ideal: Paulo Vítor Rouvier, Felipe Salomão, Luiz Carlos de Carvalho, Ademir Santiago, Manoel Sergio, Maurício Neiva Crispin e José Antonio Carvalho.

O nosso carinho especial aos educadores Jordélia Damas Martins e Oswaldo Rodrigues Martins, meus pais e idealizadores do Educandário Santa Filomena, abençoada instituição onde aprendi, na infância, as doces lições das virtudes evangélicas.

O nosso amor, em carinhosa prece de agradecimento, aos queridos educadores Alda Salles Monteiro de Barros, Stenio Salles Monteiro de Barros e Fortune kalusi que me deram as bênçãos do lar fraterno.

ÍNDICE

| | |
|--|--|
| Apresentação – Regina Lúcia Silveira Martins----- | |
| Introdução – Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros ----- | |
| Prefácio – Armand Lefraise | |
| 1º) Parte - Espírito Étienne - Médium Émilie Collignon | |
| A Educação Maternal – Conselhos às Mães de Família ----- | |
| 2º) Parte - Médium J. C. A. R. | |
| O Corpo e o Espírito. ----- | |
| I - Apêndice | |
| O Rio da Vida – Médium J. C. A. R. ----- | |
| II - Apêndice | |
| Jean, dito Bahutier - Projeto Educacional | |

APRESENTAÇÃO

[...] *a moral influi no físico mais que o físico na moral... Não se esqueça de que a caixa contribui muito para a afinação do instrumento que ela encerra [...] que o espírito não pode mostrar seus sentimentos a não ser modificados pelo invólucro que o recebe.* Étienne

Esta importante citação do texto que se segue, do Espírito Étienne a Émilie Collignon, nos apresenta a educação e o verdadeiro papel da mulher na família, temas que serão desenvolvidos neste trabalho mediúnicamente de 1864.

A importância da educação e do papel da mulher na tarefa da *afinação da personalidade para o desabrochar do espírito* são questões relevantes em todo o desenrolar do texto.

A história da evolução do ser em nosso planeta, principalmente no Ocidente, tem colocado a mulher à margem do verdadeiro destino que a Vida lhe outorga. Sua trajetória sempre foi marcada como objeto de satisfação masculina, uma vida fútil, superficial e incapaz, tanto mais na época em que o médium registrou a mensagem quanto no momento atual.

Por falta de um conhecimento maior das potencialidades da mulher, ela ainda hoje sofre para se fazer reconhecida numa sociedade de tipo masculina, onde a força e a astúcia são as armas que preponderam.

Lutando por direitos iguais elas acabaram por ficar sobrecarregadas de tarefas.

Eis que surge, na aurora do novo milênio uma nova *mulher!* Não mais a submissa, nem a feminista, mas aquela tão bem descrita pelo Espírito Etienne: uma mulher consciente e reconhecida pela sociedade por seu potencial intelectual e afetivo e que percebe seu papel, bem como de seu companheiro, na construção da família e na educação dos filhos.

O texto primeiramente fala ao homem, alertando-o para a inteligência e a sabedoria femininas, acusando-o de tyrannizar e de se recusar a perceber o valor da mulher na sociedade e seu papel na educação do homem de bem. Posteriormente ele fala à mulher que aceita ocupar um lugar fútil na sociedade, alertando-a para que tenha uma visão livre desses preconceitos. Reconhece sua força e função na família, na educação dos filhos e na sociedade. A formação religiosa, a generosidade nas relações e a sensibilidade dos gestos são características de uma educação que Etienne ressalta como importantes na formação integral do homem de bem.

O físico sofre a influência de uma educação moral, nos fala Etienne, e hoje tanto a *pedagogia da construção do conhecimento* quanto a *psicanálise do desenvolvimento afetivo* reconhecem a importância dos pais como os primeiros modelos identificatórios que a criança estabelece em sua relação com o mundo e em sua relação com o outro.

Modelos que inspirem em suas ações: justiça, renúncia e amor, ajudarão na formação de filhos mais adaptados às intempéries da vida,

porque compreenderão o mecanismo evolutivo da Lei Maior. A pedagogia da excessiva liberdade, nos dias atuais, dá aos modelos (os pais), pouca ou nenhuma interferência. Acabam por formar crianças e adolescentes sem limites, influenciados por ações da mídia que propagam a violência e a vantagem imediata da felicidade individualista. Este é o retrato do descompasso sistêmico da sociedade hoje.

Para o desenvolvimento do ser integral faz-se necessário que ambas as polaridades internas sejam despertadas e harmonicamente manifestadas.

Há muito só valorizamos e manifestamos características unilaterais do espírito: o poder, a razão, a objetividade e o pensamento calculativo. As características intuitivas, meditativas, de sensibilidade e emoção foram bloqueadas por este modelo educativo predominantemente masculino.

O texto é, pois, atual, valoriza a inteligência feminina, reconhece os direitos da mulher perante a sociedade e traz, sem desvalor, a função maternal, na educação dos homens.

REGINA LUCIA SILVEIRA MARTINS

Professora e Orientadora Educacional

Graduada em Pedagogia-PUC-RJ

Pós-graduada em Psicopedagogia,

Avaliação Educacional-UERJ e

Filosofia Contemporânea-PUC-RJ

INTRODUÇÃO

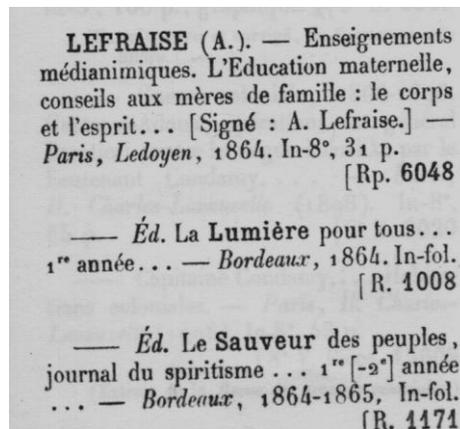
O resgate da história espírita, tão urgente e necessário, demanda paciência, persistência e um bom bocado de intervenção espiritual, já que sabemos que a chamada *sorte* é insustentável no vivo organismo cósmico.

Um bom exemplo de salvamento, do que parecia perdido para sempre, temos na brochura que ora apresentamos ao público de língua portuguesa: *Ensinamentos medianímicos: a educação materna, conselhos às mães de família - o corpo e o espírito*. Em nossas buscas junto às bibliotecas de Bordeaux e Paris conseguimos, com relativa facilidade, a relação das obras, mediúnicas ou não, que a pena espírita fidelíssima de Sra Émilie Collignon contribuiu para o rico acervo espírita. Porém, esta brochura em particular, a primeira da médium, não conseguíamos localizá-la, apesar de muita insistência, que por ser tanta, foi até considerada, em parte, inoportuna. Pedíamos... Buscávamos... Batíamos... Tudo em torno dela era silêncio. A única certeza que tínhamos é que realmente existiu e foi publicada em 1864, pois Allan Kardec a saúda nas páginas imortais da *Revue spirite*.

Então, dada às dificuldades, colocamos as nossas buscas de quarentena!

Em outra frente, fomos pesquisar mais de uma vintena de pioneiros espíritas junta à *Bibliothèque Nationale de France*. Era 11 de fevereiro de 1998 quando solicitamos, por carta, o extrato com as notícias bibliográficas ao *Catalogo général des livres imprimés*. Não precisamos aguardar muito, pois no próximo 25 de março, por ordem do Chef du Service de Reproduction, recebemos a pesquisa feita pelo Sr Christian BACH, um verdadeiro calhamaço, com a maior parte do que solicitáramos. Quanta riqueza de informações. Lemos atentamente os extratos e nos surpreendemos com tantas e tantas referências de obras espíritas. Tudo devidamente catalogado, só esperando os garimpeiros do futuro para o resgate de tão preciosas pérolas.

Assim foi que chegamos ao extrato bibliográfico do Sr Lefraise (A.). Logo de saída se vê o registro de um livro e dois periódicos. Os periódicos já eram conhecidos, pois foram divulgados na *Revue spirite* de Allan Kardec: *La lumière pour tous* (1864) e *Le sauveur des peuples* (1864-1865), todos de Bordeaux. No registro do livro, porém, uma grande surpresa nos aguardava. Vejamos o extrato da BNF:



Catálogo BNF

O que isto significa? O Sr Lefraise foi autor de um livro com o mesmo título do usado por Sra Émilie Collignon? Não é muita coincidência duas produções espíritas receberem o mesmo nome e serem publicadas na mesma cidade e no mesmo ano? Será que a BNF se equivocou ao catalogar as produções do Sr Lefraise e de Sra Collignon?

As respostas às nossas dúvidas só podiam ser resolvidas após a aquisição, junto ao Service de Reproduction, de todas as impressões publicadas pelo Sr Lefraise. Foi o que fizemos imediatamente, apesar dos custos sempre elevados que envolvem estas transações: reprodução, tarifas bancárias (do Brasil e da França), câmbio e correios. Mais valia a *satisfação* e não a *pena*. É compromisso histórico-doutrinário!

Mais um pouco de tempo e estávamos frente aos jornais bordelenses e ao livro que agora publicamos. Tudo, então, ficou claro! As respostas são simples: 1º - o Sr Lefraise foi o responsável pela publicação e pelo *prefácio* do livro; 2º - na capa não se encontram os nomes da médium e do Espírito comunicante; 3º - o Sr Lefraise já havia publicado em série as matérias que constituem essa brochura, no periódico *Le sauveur des peuples*; 4º - Sra Collignon só é citada no prefácio (p. 3); 5º - o Espírito Étienne só é identificado no final do tratado (p.18) e 6º - a BNF catalogou corretamente, priorizando o nome do responsável pela edição: *Sr Lefraise*.

A persistência de nossa parte, juntamente com a intervenção do mais Alto, funcionaram sincronicamente. E, assim, todos nós fomos presenteados por esta benção espiritual, em forma de livro, que não quis ficar silenciosa nos escaninhos da história.

Agora já é hora de contarmos um pouco da trajetória desta publicação bordelense:

A partir de 03 de abril de 1864 surge uma das primeiras ou talvez a primeira produção espírita mediúnica publicada em série, na imprensa especializada na Doutrina codificada por Allan Kardec. Estas matérias reunidas formariam, em breve, a brochura *L'éducation maternelle*, ditada pelo Espírito Étienne, através da abençoada mediunidade de Émilie Collignon. A série veio a lume a partir desta data, no periódico *Le sauveur des peuples*, ao abrigo da direção segura do Sr Lefraise, desde o No 10, em 03 de abril, até o No 14, em 1º de maio de 1864.

Esta obra foi muito saudada no movimento espírita nascente, carente, principalmente naquela época, de temas tão aconchegantes e esclarecedores. O Espírito Étienne era *desconhecido* da médium (*et qui est inconnu du médium*), e deu as suas instruções, em tudo por tudo, coerentes com os postulados do Espiritismo, como se encontram nas obras básicas, verdadeiras colunas graníticas: *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*.

table de vérité; c'est ce qui prouve que la morale enseignée par le Spiritisme est d'émanation divine, et qu'elle est adressée aux hommes par une révélation nouvelle du Père de miséricorde, qui veut qu'aucun de ses enfants ne périsse. La preuve en est dans la propriété même, intrinsèque et visible, de la science nouvelle, de s'adapter ainsi à toutes les religions, découlant de la source pure de toute loi morale, et qui, pour tous les cultes, a son fondement sur cette première assise éternelle et immuable : *Aimez-vous les uns les autres.*

On objectera : Mais quelle différence y a-t-il donc entre le spirite, comparé au chrétien, à l'israélite, au musulman, au bouddhiste? — Aucune évidemment, quant au résultat, puisque tous pratiquent la même loi morale et divine! Suffit-il, pour être chrétien, d'avoir été baptisé d'eau, si on ne l'est par l'Esprit de vérité? à l'israélite d'être circoncis et de se purifier extérieurement, si le cœur n'est circoncis et lavé de toute souillure? au spirite d'avoir étudié les manifestations des esprits pour être vraiment spirite? Non. En toutes choses, partout et toujours, il y a eu, il y a et il y aura de l'ivraie au milieu du bon grain. Et c'est ici le moment de rappeler la parole du Maître répondant à ses serviteurs, qui lui disaient : « Voulez-vous donc que nous allions et que nous l'arrachions? » « Non, répondit-il, de peur qu'en arrachant l'ivraie, vous ne déracinez aussi le froment. » (Matth. XIII, 28 et 29.)

Voilà, selon nous, la définition, la valeur du mot *Spirite*. Il indique uniquement que celui qui le porte et s'en honore à juste titre a été amené, alors qu'il ne croyait à rien, si ce n'est que son esprit, son âme, comme vous le voudrez, enfin ce diamant divin enchassé dans un corps de boue, n'était que matière, alors que

laisse pas vaincre par la douleur; sois forte et calme dans tes épreuves et cesse de douter toujours de Dieu et de sa miséricorde.

Adieu.

GILBET BOURGET.

L'ÉDUCATION MATERNELLE

Médium : M^{me} Collignon.

Nous allons traiter une question délicate et qui nécessite de grands ménagements. Sois donc souple sous la direction qui te sera donnée; écoute et rends fidèlement la pensée, sans te préoccuper ni du sujet ni de sa rédaction.

Depuis longtemps déjà, on a senti que le rôle de la femme, dans la société, était faussé, et l'on a cherché dans des rêveries un remède qui ne pouvait se trouver que dans la froide et saine raison.

On voulait la femme libre, on faisait la femme licenciée; on cherchait à l'instruire, on en faisait une pédante; on la refoule dans son foyer, on en fait une enfant monotone, vieillissant enfant, toujours enfant!

D'où vient donc que ces créatures, ayant la même origine que l'homme, — soit qu'on les prenne au point de vue spirite, esprit s'incarnant tantôt dans l'enveloppe délicate et nerveuse de la femme, tantôt dans le corps robuste et vigoureux de l'homme; soit qu'on les prenne au point de vue de la Genèse, descendantes d'Ève, formées des mains du Créateur; fraction d'Adam, recevant le souffle, la vie, l'âme enfin de Dieu; — d'où vient, disons-nous, qu'il existe entre les deux sexes une disparate aussi grande? D'où

Le sauveur, No 10 domingo, 3 de abril de 1864, parte da página 03

Em conjunto, no mesmo número, *Le sauveur* inicia a publicação de um dos poemas mais lindos produzidos pelas luzes do Espiritismo, intitulado *Le corps et l'esprit (O corpo e o espírito)* e ditado ao Sr J.C.A.R., um dos médiuns mais atuantes nos jornais espíritas da cidade de Bordeaux. Sua publicação foi iniciada no periódico No.10, em 03 de abril, e concluída, no periódico No. 15, em 08 de maio de 1864.

Este poema mediúnico, sem a declinação do nome do Espírito comunicante, fará parte da brochura, numa parceria dos médiuns, Sra Émilie Collignon e Sr J.C.A.R., e, por isso, a obra se chamará: *Enseignements médianimiques. L'éducation maternelle, conseils aux mères de famille – Le corps et l'esprit* [Ensinaamentos medianímicos. A educação maternal, conselhos às mães de família – O corpo e o espírito].

LE SAUVEUR DES PEUPLES

jusqu'au moment où ses fraîches couleurs se fanent, où sa tige, privée des sucs fortifiants qui l'auraient fait vivre, se penche?... Hélas! la solitude se fait alors autour d'elle; l'ennui la prend, elle regrette le passé, pleure sur le présent, s'effraie de l'avenir. Pourquoi? Parce que tout en elle s'adressait aux yeux, rien au cœur, à la raison, à l'esprit. Heureux encore lorsque ces abandons ne font pas naître une amertume qui se répand en paroles mordantes, en méchants propos, en calomnies même, contre les femmes plus jeunes qui sont venues à leur tour répandre leur éclat éphémère! Heureux quand cette amertume ne rend pas l'épouse acariâtre, la mère jalouse de sa fille, envieuse des éloges que son fils prodigue à la jeunesse, à la beauté qu'elle n'a plus! Ah! faites donc la femme libre de préjugés, pour avoir la femme forte dans l'intérieur! Faites des mères qui préparent au siècle à venir des hommes pieux, et faites des femmes pieuses et sérieuses!...

(La suite au prochain numéro.)

ÉTIENNE.

LE CORPS ET L'ESPRIT

Médium : M^r I. C. A. R.

Morphée avait plongé mes sens dans le sommeil;
Mon esprit, affranchi de ce lourd appareil,
Voulut s'émaner et voguer dans l'espace,
Abandonnant son corps comme un soldat la place.
Il voulut, libre enfin, s'élever dans les airs.
Était-ce un souvenir, un caprice, un mystère
Qui portait mon esprit à délaïsser le corps?

« Ce qu'au monde éthéré vous êtes allé voir...
« — Je te l'ai déjà dit. J'ai laissé là des frères,
« Des amis, des parents, des pères et des mères :
« Je voulais les revoir et connaître leur sort;
« Car tout ne finit pas, comme on croit, à la mort!
« La vie est une croix; c'est une épreuve dure
« Qui rend l'esprit meilleur, dans laquelle il s'épure.
« Il faut vivre souvent, souvent être mortel,
« Pour mériter de Dieu d'être enfin immortel!...
« Je vis donc mes amis, mes parents et mes frères
« Et reçois de chacun des caresses sincères;
« Puis, voulant m'éclairer sur les différents maux
« Qu'endurent les esprits coupables, immoraux,
« J'allai d'un monde à l'autre et je vis là des choses... »

(A continuer.)

VARIÉTÉS

La question de la liberté des cultes et de la liberté de conscience, agitée dans nos assemblées parlementaires, a son retentissement au loin. Nous ne pouvons résister au désir de reproduire *in extenso* le dispositif du décret par lequel l'empereur du Maroc donne un haut exemple de tolérance et d'impartialité, que nous aimons à rencontrer chez les têtes couronnées, car c'est la démonstration irréfutable de la loi du progrès humanitaire.

Nous trouvons ce décret dans le journal le *Tell*, publié à Blidah (Algérie).

«... Nous ordonnons que tous les Juifs qui résident dans

Le sauveur, No 10 domingo, 3 de abril de 1864, parte da página 04

ENSEIGNEMENTS MÉDIANIMIQUES

L'ÉDUCATION MATERNELLE

CONSEILS AUX MÈRES DE FAMILLE

LIBRAIRIE ÉMILIE COLLIGNON

LE CORPS ET L'ESPRIT

Prix : 50 centimes; — par la poste, 60 centimes.

SE VEND :

Au bureau du journal LE SAUVEUR DES PEUPLES,
57, cours d'Aquitaine, Bordeaux.

PARIS
LE DOYEN,
LIBRAIRE-ÉDITEUR,
31, Galerie d'Orléans, Palais-Royal.

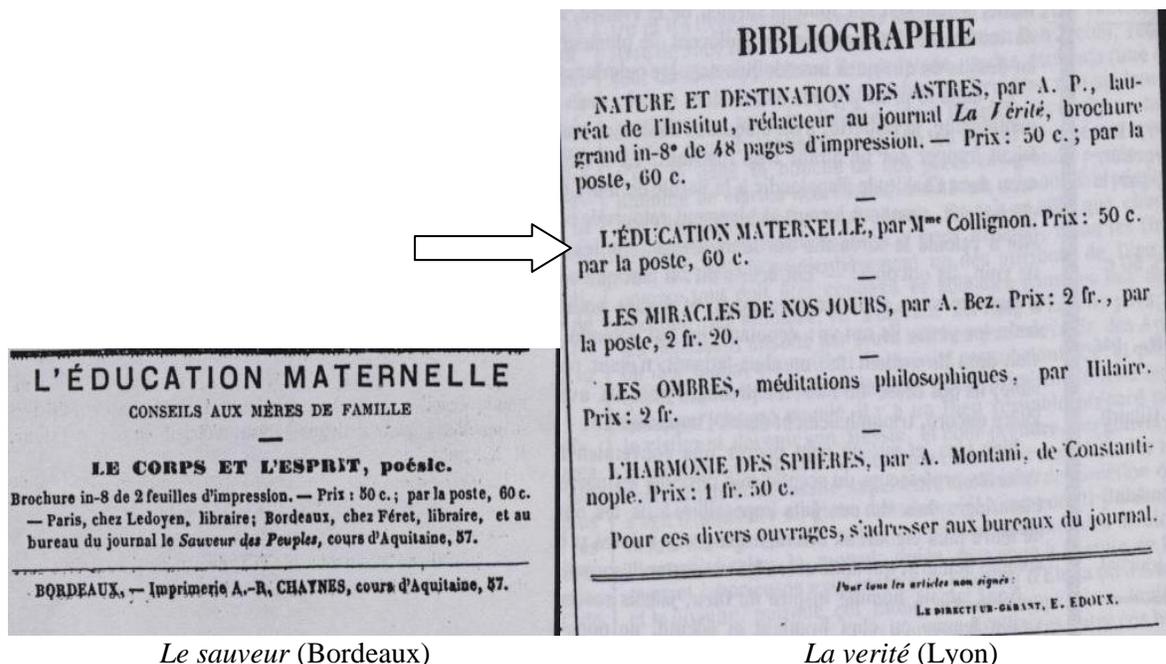
BORDEAUX
FERET, LIBRAIRE,
18, Fossés de l'Intendance,
et chez les principaux Libraires.

1864

Brochura dos médiuns Émilie Collignon e J.C.A.R. – Prefácio A. Lefraïse

Nesta brochura também foi incluído o poema *Le fleuve de la vie* [O rio da vida], captado pelo mesmo médium. Ele já havia sido publicado no *Le Sauveur*, No 17, de 22 de maio de 1864, p. 4. Aliás, o Sr J.C.A.R. recebeu poemas lindíssimos que foram inseridos em diversos periódicos espíritas.

O prefácio original do livro é do editor do periódico, Sr A. Lefraise, como já observamos, e está datado de 20 de maio de 1864.



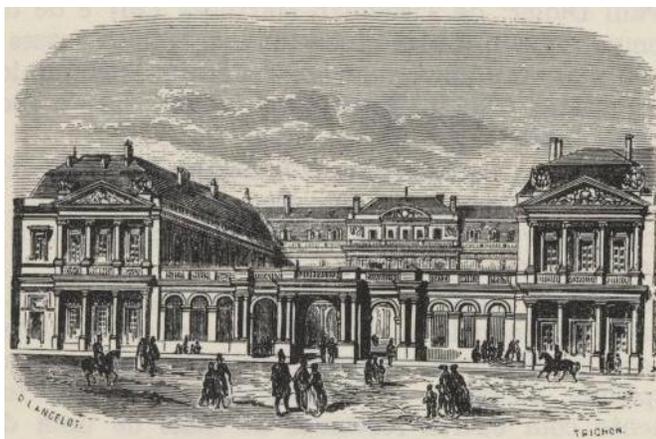
Le sauveur (Bordeaux)

La vérité (Lyon)

Allan Kardec fez questão de anunciar esta brochura com grande destaque na *Revue spirite*, na seção *Notícias Bibliográficas*. A matéria se intitula *A educação materna – conselhos às mães de família*. Como se pode observar, Kardec não dá destaque, no título de sua nota, para o complemento do livro: *O corpo e o espírito*.

Inicialmente, em nota de rodapé do Codificador, há as seguintes informações: Brochura in-8^o; Preço 50 c – Paris: Ledoyen, Palais-Royal, galerie d’Orléans, No. 31. – Bordeaux: Feret, 15, Fosses– de– l’Intendance, e no escritório do jornal *Sauveur*, 57, cours d’Aquitaine.

Destaco que a obra foi lançada em Paris, no mesmo local do lançamento de *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec. Outra informação importante é que era vendida, em Bordeaux, pelo famoso livreiro Feret, que também distribuiu a 2^o tiragem de 1882 da obra *Les quatre Evangiles*.



Palais Royal – 1853

Allan Kardec então comenta, numa crítica rica em elogios:

O opúsculo é produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à Sra Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que assina *Étienne*, desconhecido da médium. Essas instruções, antes publicadas em artigos avulsos pelo jornal *Sauveur*, foram reunidas em brochura.

É com prazer que aprovamos esse trabalho sem reservas, tão recomendável pela forma, quanto pelo fundo: estilo simples, claro, conciso, sem ênfase, nem palavras vazias de sentido; pensamentos profundos, lógica irreprovável, é bem a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboroso de Espíritos que julgam compensar o vazio das idéias pela abundância das palavras. Não tememos fazer estes elogios porque sabemos que a Sra Collignon não os tomará para si e que seu amor-próprio não será superexcitado, assim como não se melindraria com a mais severa crítica.

Nesse escrito, a educação é encarada sob seu verdadeiro ponto de vista em relação ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerado desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. As mães espíritas, melhor que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que encerra, razão por que recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção (RS, FEB, 1864, julho, p. 302).

Peço licença para analisar o comentário do Codificador:

Inicialmente penso que a palavra *aprovação* está no sentido apenas de concordância com o conteúdo e a forma do livro. Não se deve supor que ela tenha a força de um julgamento absoluto, que tanto pode *aprovar-salvar* ou *reprovar-condenar*. Allan Kardec não era homem desse tipo:

Proibir um livro é provar que o tememos (RS, FEB, 1861, fevereiro, p. 79).

Bem, foi só uma ressalva.

Felizmente Kardec só encontra elogios para a obra do Espírito Étienne, inclusive a recomenda às mães espíritas, porque a educação nesta brochura é encarada no seu verdadeiro sentido e substancialmente. Ora, vindo esta opinião do Prof Denisard Hypolite

Leon Rivail, o destacado educador de Paris, discípulo fiel de Pestalozzi, não há dúvidas que a obra recebeu o maior apoio. Apoio de quem conhecia de perto o assunto, porque educava.

Outro ponto que merece comentário é quando ele tece elogios, atitude sempre arriscada frente a nossas fraquezas morais. Mas, Kardec sabia o que estava escrevendo. Tanto é que ele mesmo diz: - a Sra Collignon não os tomará para si, e seu amor-próprio não será excitado. Lembra, também, que num possível caso de severa crítica, ela não se ofenderia.

Como Kardec sabia disso? Ele conhecia Collignon a fundo? Sabia qual era o seu tipo de reação? Mantinha com esta senhora uma relação epistolar constante? Eis, pelo próprio comentário do Codificador, mais uma prova de que ele não só a conheceu pessoalmente, como veremos a seguir, mas era bem informado sobre seus trabalhos, sua aplicação doutrinária, seu tipo psicológico. Ele bem conhecia o *cadastro* e as colaborações constantes que eram enviadas por cartas à direção da *Revue spirite*, em Paris. Outra informação que favorece ainda mais é que Sra Collignon era também atuante membro da *Sociedade Espírita de Paris*¹. Kardec não sairia rasgando seda à toa. Sabia o que estava falando e para quem estava falando.

Por fim, escreve sobre o poema:

A brochura é rematada por um pequeno poema: *O corpo e o espírito*, também mediúnico, que mais de um autor de renome poderia assinar sem receio (p. 302).

Infelizmente, Kardec não registra o nome do médium que recebeu este poema espiritual. A própria brochura também não registra. Mas o seu nome está lá no *Le sauveur des peuples*: Sr J. C. A. R.

Ele ainda fala em *um pequeno poema (un petit poème)*. Tudo é muito relativo nesta opinião pessoal de Allan Kardec. Do poema ele apenas transcreve 40 versos (p. 303), de um total de 398. O adjetivo *pequeno* não representa bem a extensão e a profundidade do poema, que como ele mesmo assevera *mais de um renomado poeta o subscreveria sem receio*.

É hora agora de dar foco nos três autores encarnados desta brochura²:

A) ARMAND LEFRAISE:

O Sr Armand Lefraise nasceu em 1823 em Angoulême, França. O *Censo* do ano de 1866 registra que ele residia em Bordeaux com a esposa Jeanne e a mãe Marie. Era advogado e foi antigo tabelião em sua cidade natal.

O Sr Lefraise era também proprietário de uma oficina gráfica, profissão que soube desempenhar com sucesso, podendo em especial favorecer, com entusiasmo, a divulgação

¹ *Revue spirite*, FEB, 1864, dezembro, p. 492.

² Para uma visão mais detalha e completa com fotos e documentos de todos estes pioneiros, ver *Jean Baptiste Roustaing - apóstolo do espiritismo*, Martins, Jorge Damas e Barros, Stenio Monteiro, edição Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes, Rio de Janeiro, junho de 2005 (Rua Bambina, 128, Botafogo. CEP. 22.251-050 – Tel (21) 266-2901 e 2266-6567 - <http://www.casarecupbenbm.org.br>).

espírita. Num primeiro momento sua gráfica estava localizada num espaço contíguo a sua residência, na cours d'Aquitaine, 57.

Agora podemos melhor esclarecer a informação sobre a tipografia da brochura que ora publicamos: ENSEIGNEMENTS MÉDIANIMIQUES: L'ÉDUCATION MATERNELLE, CONSEILS AUX MÈRES DE FAMILLE - LE CORPS ET L'ESPRIT. Na última página do original francês (p. 31) encontramos o nome da empresa do Sr Lefraise, acompanhado do endereço: Typographie A.-R. Chaynes, cours d'Aquitaine, 57

Escrita fácil e temperamento aquecido pelo ideal espírita, o Sr Armand Lefraise soube com destemor defender a grande causa pela qual vivia, e para isso não mediou esforços, colocando a sua gráfica a serviço da divulgação doutrinária, através de jornais, de livros e muitas vezes como consultora de outros órgãos de divulgação espírita, onde esclarecia a melhor forma de apresentação, favorecendo o controle de custos e incentivando os benefícios.

Comunicativo, se correspondia com as principais lideranças espíritas da sua época: Allan Kardec, Alexandre Delenne, Alexandre Canu, Z.-J. Piérat, André Pezzani, E. Edoux, Sra H. Dozon, Alis d'Ambel, Jean Guérin, T. Jaubert, L. A. G. Salgues, etc.

Freqüentava diversos grupos espíritas de sua localidade e das vizinhanças, sempre aplicado e comprometido com a divulgação das revelações recebidas. Nas páginas de seus periódicos os principais médiuns da França, em especial da cidade de Bordeaux, e até do estrangeiro, viam suas comunicações e livros divulgados. Em especial três médiuns brilham em suas produções jornalísticas, em páginas e mais páginas do mais cristalino espiritismo: Émilie Collignon, Ermance Dufaux e o Sr J. C. A. R.

Quando o Espiritismo se via perseguido pela *ira do Vaticano*, a voz firme do Sr Lefraise foi uma das primeiras a se levantar, quicá a primeira. Numa nota significativa, ele bradava da tribuna espírita: O ESPIRITISMO NO ÍNDEX. Nesta nota ele ainda publica uma bela mensagem mediúnica sobre o triste e lamentável fato, intitulado: NADA TEMAI! Nela o *Guia do Médium* - bem como o médium, não são identificados. A mensagem ensina com propriedade:

[...] a instrução moral e intelectual; é ela que regenerará a humanidade, é ela que deve ser o objetivo de todos os vossos esforços (*La lumière*, No 4, 19 de maio de 1864).

Certa feita era seu colega de advocacia e de ideal espírita, J.-B. Roustaing, que se via *ameaçado pelos raios da Igreja*, enquanto exercia o apostolado espírita na sua quinta *au Tribus*, em Arbis, cantão de Targon. O Sr Lefraise, após uma visita que se tornou histórica, a uma dessas Domingueiras doutrinárias, em 04 de setembro de 1864, sabendo das *ameaças*, veio a público e entre outras coisas grafou sem titubeio:

Apesar dos sermões nos quais ele foi ameaçado pelos raios da Igreja e pelas fomalhas do inferno, o Sr Roustaing, compenetrado da santidade da doutrina que propaga, continua ainda mais a levar as populações que o cercam ao conhecimento do Evangelho pelo Espiritismo; por isso obteve um resultado bem satisfatório. A cada dia de reunião, vê-se chegar ao Tribus, de todas as regiões vizinhas, pessoas que, sentindo-se melhoradas, renovadas pela nova revelação posta à capacidade de sua inteligência, vêm dos arredores agrupar-se em torno daquele cuja palavra

eloqüente e convicta lhes explica de uma maneira clara e penetrante a realidade da existência de Deus, da imortalidade da alma e de sua individualidade após a morte, pelas relações do mundo invisível dos Espíritos com o nosso (*Le sauveur des peuples*, No 33, 11 de setembro de 1864, p. 4 e *La lumière*, 15 de setembro de 1864, p. 4).

Quando chegou o tempo de otimizar os esforços de divulgação espírita, unificando os diversos periódicos doutrinários de Bordeaux, num único título, sua voz foi logo de aprovação e total apoio. Surgia então mais um grande farol na França: a *União Espírita Bordelesa*, na supervisão lúcida de um outro grande pioneiro, o Sr Auguste Bez.

Este apoio do Sr Lefraise se traduzia no oferecimento de sua empresa e de seus serviços tipográficos, para a execução deste belo programa de vulgarização espírita. Nesta época a sua empresa gráfica estava remoçada e em novo endereço (Rue Sainte-Catherine, 56)

Não devemos perder a oportunidade de conhecer seu pensamento doutrinário espírita estampado nos editoriais dos seus históricos periódicos. Vamos transcrevê-los, apenas o primeiro de cada jornal, pois eles são, por ora, suficientes para o propósito desta *Introdução*, esperando em outra oportunidade contar mais.

LE SAUVEUR DES PEUPLES

A META E OS MEIOS

Apenas alguns anos se passaram desde a aparição dos primeiros fenômenos espíritos observados, o Espiritismo alcançou a dignidade de uma ciência, formulou sua doutrina, que se confunde atualmente com aquela que Jesus veio trazer ao mundo há dezoito séculos.

Os adversários da revelação nova puderam dizer, com certo fundamento, que o Espiritismo nada tinha de novo. Com efeito, nos séculos que se escoaram antes dessa liberdade na qual vivemos, manifestações se produziram, médiuns como esses de hoje se mostraram; aqueles desses médiuns aos quais então era necessário acrescentar a fé, os únicos a ter o privilégio que se negava aos outros, eram aqueles da Igreja; e deles se fazia santos. Todo outro médium, por melhores que fossem as comunicações recebidas por ele, era inevitavelmente um feiticeiro, julgado e queimado como tal. Sua faculdade medianímica, sua profecia era cruelmente sufocada e destruída com seu corpo nas chamas da fogueira *para a maior glória de Deus*, acrescentavam os algozes desses tempos vergonhosos com uma ênfase hipócrita.

Hoje que o homem reconquistou a liberdade, sacudiu o jugo que lhe era imposto por uma mão de ferro; que a instrução é espalhada em ondas nas massas, hoje, enfim, que o homem conquistou o direito constitucional de exprimir seu pensamento sem ter que temer as masmorras, os cantos, as torturas e as tenazes da Santa Inquisição, não se teme mais divulgar alto e bom som os fenômenos que se tem observado.

Esses fenômenos se manifestaram de início de uma maneira toda material, para tocar os sentidos materiais do homem, para despertar sua atenção adormecida ou atrofiada para esse ponto de vista. Certificou-se então que esses fenômenos singulares, insólitos, manifestando-se de uma maneira inteligível tinham uma causa

inteligente e esta causa foi descoberta: reconheceu-se que ela não era outra senão o espírito ou a alma dos homens que viveram da vida material, como nós mesmos vivemos.

Tal foi, na maior parte, a prova palpável da imortalidade da alma, de sua sobrevivência ao corpo e de sua individualidade após a morte.

Como todas as coisas, como todas as ciências, o Espiritismo seguiu a lei irresistível do progresso, e esse progresso foi de tal modo rápido, que a nova filosofia já chegou ao *nec plus ultra* da ciência; porque o verdadeiro objetivo de sua missão está demonstrado de uma maneira irrefutável pelos exemplos inumeráveis; cada dia pode-se constatar que, segundo as palavras do divino Mestre, *ele veio chamar ao arrependimento não os justos, mas os pecadores*.

As manifestações espíritas hoje conquistaram direito de cidade no mundo, menos para os espíritos fortes que nada tendo visto, nada sacando, nada querem ver senão pelos olhos do corpo e contestam tudo; é um *part pris* [é um preconceito]. Que eles permaneçam em sua orgulhosa ignorância e lamentemo-los!

Entretanto, a realidade dessas manifestações não é contestada mesmo por aqueles cujos interesses materiais são os mais ameaçados, e que procuram, para evitar o resultado previsto, abafar a nova doutrina, não mais nas chamas das fogueiras (graças a Deus o tempo disso passou), mas pelo constrangimento moral exercido sobre os espíritos timoratos.

Mas, se o tempo dos estudos elementares da ciência passou, é chegada à hora de tirar as conseqüências morais que deles decorrem; é chegada a hora de içar o mais alto a bandeira da doutrina regeneradora, de a implantar sobre um rochedo inabalável, sobre a Palavra de Deus contida no Evangelho de Jesus Cristo.

É sobre esse terreno que nós nos situamos, e é das alturas da fé evangélica, à qual nos conduziu o Espiritismo, que nós nos esforçaremos para demonstrar a verdade desta santa expressão: *nós somos todos um em Cristo*.

Nós não dissimulamos os perigos da empreitada. Sabemos que nos oferecemos aqui como ponto de mira às tramóias ocultas, subterrâneas, dos interessados inimigos do Espiritismo; estes são, do ponto de vista do mundo, os mais perigosos. Mas sabemos também que nada está oculto para Deus que nos julga, e, confiantes em nossos bons guias, submetidos à vontade d'Aquele que governa tudo, temos a esperança de que estaremos protegidos dos efeitos perniciosos da influência deletéria de nossos inimigos ocultos.

Nossa publicação tem então por objetivo levar o maior número possível de homens para a doutrina espírita, seguros que estamos de que, compreendendo claramente a verdade contida no Evangelho, seus corações serão regenerados, que eles se tornarão homens novos em espírito e em verdade, cumprindo espontaneamente o preceito dado pelo divino Mestre: *Amai-vos uns aos outros*.

Le Sauveur des Peuples [O Salvador dos Povos] conterà normalmente:

1º. Um artigo de fundo sobre pontos da doutrina espírita ou filosófica.

2º. Uma revista crítica das objeções e refutações apresentadas pelos contraditores do Espiritismo;

3º. Comunicações medianímicas;

4º. Sob o título *Varietés* [Variedades], serão consignados fatos que se liguem ao Espiritismo;

5º. Algumas notícias bibliográficas se houver espaço.

Temos a esperança de que todos os nossos irmãos espíritas se associarão ao pensamento que inspirou nossa obra e que sustentarão nossos esforços constantes,

para realizar nosso empreendimento moralizador e cujo resultado deve ser entre os homens a FRATERNIDADE UNIVERSAL, fundada sobre a Verdade e a Caridade.

A. LEFRAISE.

Advogado, antigo tebelião.

(1º ano, No 1, 1º de fevereiro de 1864, p. 1)

LA LUMIÈRE POUR TOUS

AOS NOSSOS LEITORES

O Imperador não quer que uma só criança fique privada da educação por causa da pobreza de sua família.

(Senhor DURUY, ministro da instrução pública)

Foi este pensamento que sugeriu a fundação desta nova obra.

Para derramar sobre as massas uma doutrina benfeitora somos de opinião que é necessário não somente produzir ensinamentos ao alcance de suas inteligências, mas ainda ao alcance de todos os indivíduos pela modicidade do preço das publicações que lhes são destinadas. Tal é o objetivo que nós nos propomos atingir com o novo jornal que oferecemos ao público.

LA LUMIÈRE POUR TOUS [A luz para todos] é o título que lhe damos, porque ele explica, de uma maneira clara e precisa, o objetivo de nosso ardente desejo. Queremos que a ciência primeira, a moral universal, a *Verdade*, a *Caridade*, o *Amor fraternal*, base essencial de toda sociedade, brilhem aos olhos de todos, pequenos e grandes, homens de boa vontade cujas aspirações tendam ao progresso, à melhoria moral da humanidade.

A moral foi-se com a fé, perdida através das trevas nas quais a desencaminharam as teorias errôneas, no menosprezo do interesse espiritual, por aqueles que tiravam nesta desordem seu bem-estar material. Queremos, pelos ensinamentos que nossos leitores encontrarão nesta nova publicação, trazer nossa pedra ao edifício no qual outros precursores já puseram os primeiros assentamentos e reuniram os materiais dispersos. Queremos, assim dizer, abrir os olhos à fé cega, a fim de que esta fé, baseada sobre a razão que Deus, nosso Senhor e Mestre, deu ao homem para que ele dela faça uso, lhe faça compreender, enfim, a verdade desta palavra do apóstolo Paulo: *O objetivo do mandamento, é a caridade que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma boa fé sincera*³, palavra que é apenas a reprodução sob uma outra forma deste pensamento primordial: “*Tu amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu pensamento; tu amarás teu próximo com a ti mesmo. Toda a Lei e os Profetas estão contidos nestes dois mandamentos*⁴.”

³ Primeira *Epístola* a Timóteo, c. 1, v. 5. [Nota (1) de rodapé, do autor.] Nota: na Bíblia on-line, o texto da primeira *Epístola* de Timóteo, c. 1, v. 5, diz o seguinte: Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia. (1 Timóteo 1:5) N. do T.

⁴ Mateus, c. XXII, v. 36 a 40. [Nota (1) de rodapé, do autor.] Nota: na Bíblia on-line, o texto de Mateus c. XXII v. 36 a 40, diz o seguinte: Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o

Queremos que a fé tenha seu fundamento na razão, na consciência, que é o olho espiritual, segundo esta palavra do divino doutor: “O olho é a lâmpada do corpo; se pois vosso olho é puro, todo vosso corpo estará na luz; mas se vosso olho está obscurecido, todo o vosso corpo estará nas trevas. Se então a luz que está em vós é trevas, as próprias trevas o que serão?” (Mateus c. VI, v. 22 e 23)⁵. Isto é, segundo Lamennais, se se chama trevas à privação da luz que ilumina o corpo, o que é que serão as verdadeiras trevas, a privação da luz que ilumina a alma interiormente.

O jornal *la LUMIÈRE POUR TOUS* ocupar-se-á de uma maneira mais especial do ensinamento elementar da ciência espírita ou a nova revelação e reproduzirá uma parte das comunicações já inseridas em *le SAUVEUR DES PEUPLES* ao qual o público fez uma recepção da qual estaríamos tentados a nos orgulhar, se não soubéssemos que somos apenas um instrumento tendo, como cada um sobre a terra, nossa missão a cumprir e que todos nós somos apenas, em relação aos espíritos superiores que nos dirigem, o que a pena é para nosso espírito encarnado. É por isso que nós nos esforçamos para cumprir nossa tarefa não segundo nossa vontade que é fraca, mas segundo a vontade poderosa d’Aquele que governa todas as coisas, porque reconhecemos a verdade deste adágio, que ninguém pode taxar de heresia: *O homem se movimenta e Deus o guia*.

Nossa nova publicação não se dirige, pois, à mesma categoria de leitores que *le Sauveur des peuples*. A estes últimos, adeptos já formados na nova ciência revelada, nós oferecemos ensinamentos apropriados ao seu grau de adiantamento; com eles nós entramos mais adiante na matéria, nós lhes submetemos as discussões levantadas por nossos contraditores! Aos leitores de *la Lumière pour tous*, apresentamos os elementos da ciência. — Este último jornal está em primeiro lugar como nos estudos oficiais o ensino primário está para o ensino secundário.

Possam todos os homens que desejem cooperar com a evolução, com o progresso da humanidade, compreender a pureza de nossas intenções e a grandeza do objetivo que nós desejamos atingir. Que nos ajudem lealmente, quando solicitados, para demonstrar a todos os homens a estreita solidariedade que os une, provando a eles que SENDO FILHOS DO MESMO PAI, TODOS SÃO IRMÃOS.

O DIRETOR gerente,
A. Lefraise,
Advogado, antigo tabelião.

Por fim, a *Revue spirite* registra sua desencarnação através de um poema captado mediunicamente por ele mesmo, mas que, em decorrência de sua longa enfermidade, ficou incompleto; ou melhor, seu conteúdo passou a ser respondido vivamente pelo transe da morte, que nunca *matou* ninguém.

A notícia de sua passagem espiritual (1823-1881) foi anunciada, em carta, pela sua querida e *sofrida* viúva, Sra Jeanne Lefraise:

Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas. (Mateus 22:36-40) N. do T.

⁵ Na Bíblia on-line, o texto de Mateus c. VI, v. 22 e 23, diz o seguinte: São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão! (Mateus 6:22-23) N. do T.

Poesia medianímica de Armand Lefraise.

Senhores,

Eu encaminho a Direção da *Revue spirite*, uma comunicação do Sr Armand Lefraise, membro honorário da *Société scientifique d'études psychologiques* de Paris, com a solicitação de inseri-la no próximo N.º da *Revue spirite*; ele a obteve antes de sua morte.

O Sr Lefraise era um dos mais fervorosos adeptos do Espiritismo e um dos seus mais zelosos propagandistas; doente por longos anos, ele se preparava diariamente para essa terrível passagem, e eu posso afirmar que ele suportou as terríveis provas finais com uma fé e confiança que não podem ser jamais desmentidas.

Ele disse para mim, sua esposa, que ele amava de todo o coração, buscando aumentar minha coragem, que nos reveremos lá no alto.

Agradeceríamos que fosse transmitida esta triste notícia aos grupos espíritas de Paris, exprimindo meus sentimentos a cada um de seus membros, dos quais não conheço os endereços particulares.

Não esqueça, eu vos solicito, Senhores, de o recomendar nas preces de todos os seus irmãos e irmãs em crença, aos quais eu recomendo também sua infeliz viúva.

Sra Lefraise

PERGUNTAS: O que a alma se torna após a morte? Ela vai para a dissipação no nada? Ela é imortal? Os mortos entram em comunicação com os vivos? E você, meu espírito familiar, viveu na terra?

Quem é você?

*Resposta do espírito*⁶

Há muitas moradas na casa de meu Pai.
(O Cristo⁷)

Quem eu sou!... junto a vós venho pôr a minha tenda.
Quero-a e sobre o tripé que a vossa mão se estenda.
Os mortos como vós os retiro do inferno,
E, calando o meu nome, eu vos dou amor terno.

Do sangue contas dou nas veias sem engano?
Conheço do passado os vastos horizontes...
Já fui grande senhor, escravo e soberano,
Eu penso!... e o coração dos brasões tem as fontes.

Verdade, eu sei, sem desalento,

⁶ Tradução gentilmente feita pelo querido confrade e amigo Inaldo Lacerda Lima, grande defensor e propagador do binômio Kardec-Roustaing.

⁷ João 14: 2.

Que a exalar o último fim
Vi que era morto e com o talento
De renascer menos ruim,
Já que estou preso a este planeta
Curvo a cabeça qual calceta;
Aí pregava o amor e a fé
Sempre a portar firme a bandeira
Daquele que de Deus, na leira,
Os vendilhões do Templo enxotava-os de pé!

Eles já não são mais deuses de eterna liça,
Para vingança e crueldade!
De Deus quando eu mostrava a infalível justiça,
Nunca exigi de alguém bondade.

Dizia-lhes: “Morrer... é devolver ao pó
“O corpo, o servidor às vezes revoltado;
“É ao Espírito abrir ampla estrada sem nó
“De novo reviver pra ser eternizado!”

Eu lhes dizia: “Amai! tal é a lei suprema,
“Amai a Deus que bendirá
“De vós, irmãos, e como lema,
“Vossa alma amando crescerá!”

“Fazei da lágrima uma esmola
“Se nada tendes para dar.
“Perdoai; pois, que Deus consola
“A quem aprende a perdoar.”

“Orai! Eu amo muito a íntima oração
“De secreto e suave louvor,
“Só no arrependimento e quando a alma em ação
“Se abisma ao vosso olhar co’ invisível amor”

“Orai! pela ventura é a prece mais fecunda,
“Pela virtude orai, pelo trabalho arisco
“De abandonar do mundo a vaidade que o inunda;
“Segui o bom pastor que vos conduz ao aprisco.”

“Orai!... ante um fracasso em efêmera glória,
“Vede os tronos daqui, são enganos atrozés.
“O trono é a santa cruz, a divinal vitória
“Do Cristo salvador a orar por seus algozes.”

Porém, tempo depois, eis abate-se o templo,
E o ateísmo a bramir do Cristo esquece o exemplo,
E em desespero a multidão,
Para os mortos o céu amor prodigaliza
Sem entenderem Deus os visa,

De olhos sem ver a evolução.

.....
Aqui se acaba esta comunicação que não devia estar ainda terminada.
(*Revue spirite*, 1881, pp. 529-30).

B) ÉMILIE COLLIGNON:

Émilie Aimée Charlotte Bréard nasceu em Antwerp (Anvers), Bélgica, no ano de 1820. Em nossa pesquisa, apesar de todos os esforços, ainda não conseguimos identificar o dia e o mês de seu nascimento. Ela era filha de Paul Damase Bréard, original da cidade de Villedieu (Manche), onde nasceu em 08 de setembro de 1795. Ele vivia de rendas (*rentier*). Sua mãe chamava-se Aimée Marie Célestine Hubert, dita Descours, sem profissão, original da cidade de Saint-Omer (Pas-de-Calais), onde nasceu em 1797. Todos estes dados nos foram enviados pelo Presidente do *Centre Généalogique du Sud-Ouest*, em Bordeaux, Sr Jean-Paul Casse, em correspondência rica de documentos e certidões, datada de 28 de janeiro de 2.000.

A Sra Émilie Collignon era casada com o artista pintor (*artiste peintre*) Sr Charles Paul Collignon, nascido em Paris 1808, e que também vivia de rendas (*rentier*). Infelizmente ainda não localizamos o dia e mês de seu nascimento. A noiva morava nesta cidade com seus pais, na Rue des Vinaigries, 8; e o noivo, que era filho de Joseph François Collignon e Jeanne Barber Le Tort, residia na Rue Grange aux Belles, 19. O casamento deu-se nesta cidade em 03 de janeiro de 1843 como informa o *Acte de Mariage*⁸, reconstituído pela lei de 12 de fevereiro de 1872, após um incêndio em Paris.

⁸ Certidão enviada pelo Département de Paris através de La conservatrice en chef du patrimoine Juliette Nunez, em 19 de julho de 2005.

8973

(S. G. n° 5500.) **RECONSTITUTION**
DES ACTES DE L'ÉTAT CIVIL
DÉPÔT CENTRAL

(E. n° 34.)

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE
LIBERTÉ — ÉGALITÉ — FRATERNITÉ

(28.)

PRÉFECTURE DU DÉPARTEMENT DE LA SEINE

3 25 1843 **ACTE DE MARIAGE** 707

Rétabli en vertu de la Loi du 12 février 1872, par la section de la Commission,
dans sa séance du _____

ARRONDISSEMENT DE PARIS — ANNÉE 1843

Collignon
Breard

L'an mil huit cent quarante-trois, le trois
Janvier, à la mairie du cinquième arron-
dissement de Paris

Acte de Mariage de : Charles Paul
Collignon, artiste peintre, né à Paris
Demeurant rue Des Haricots 8 fils
majeur de Joseph François
Collignon chef de cabinet Barbe-
Léon, son épouse

Et de : Emilie Aimée Charlotte
Breard, née à Anvers (Belgique)
Demeurant rue Grange aux Belles 19
fille majeure de Paul Damas *Breard*
et de Anne Marie Celestine *Hubert*
son épouse

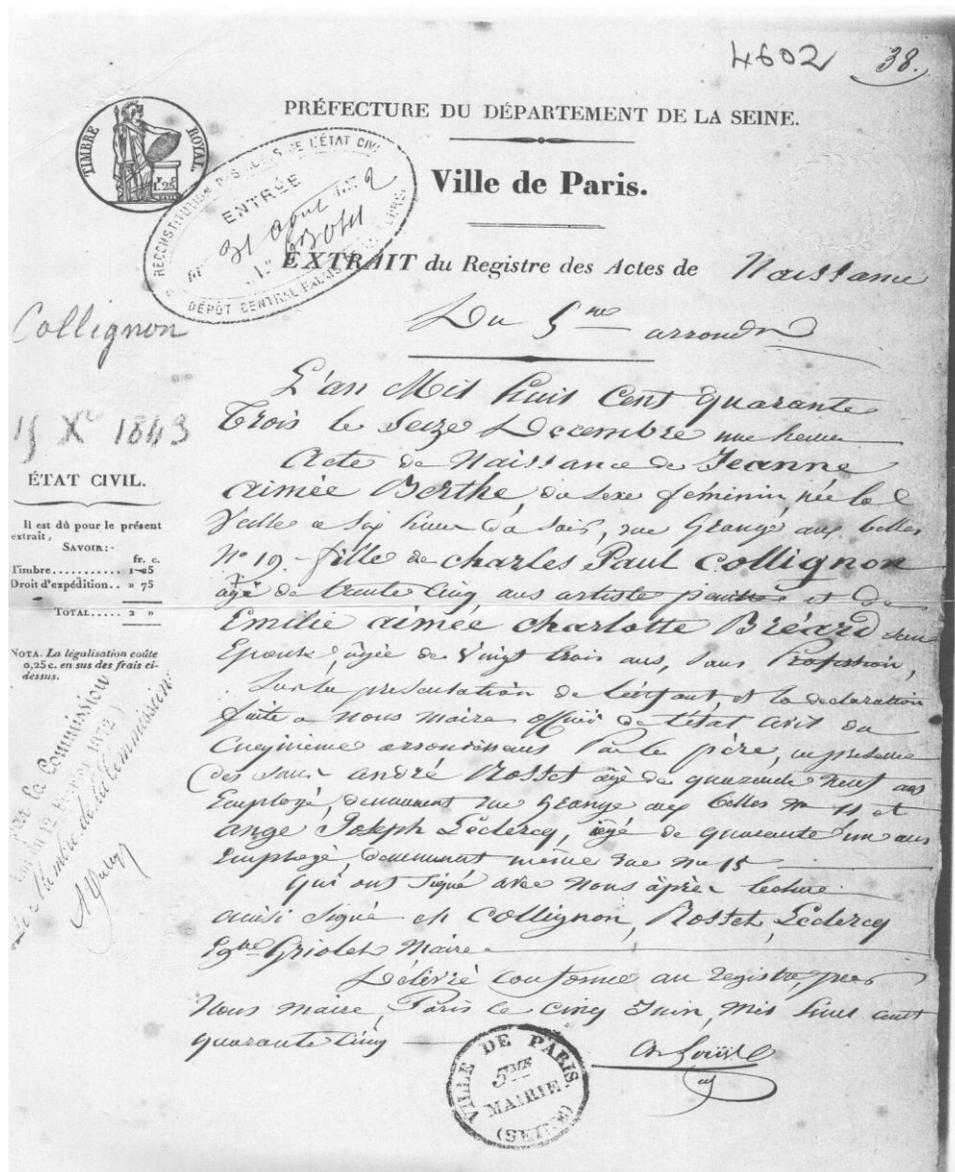
Le Membre de la Commission
depreux

E. BARRES, DE PARIS-ALIX

Certidão de casamento do casal Collignon

A Vida abençoou os recém casados com uma filhinha: Jeanne Aimée Berthe, nascida em 15 de dezembro de 1843, às seis horas da tarde, na Rue Grange aux Belles, 19, Paris, conforme sua *Certidão de Nascimento*⁹. Contava Charles e Émilie, 35 e 23 anos respectivamente.

⁹ Certidão enviada pelo Département de Paris através de La conservatrice en chef du patrimoine Juliette Nunez, em 19 de julho de 2005.



Certidão de Nascimento de Jeanne Collignon

Depois o casal foi morar na commune de Caudéran, nas vizinhanças de Bordeaux, na Rue Terre Nègre, no bairro de Saubos.

Anos mais tarde, a Sra Collignon teve uma outra filha, Paule Victorine Aimée Collignon, nascida em 11 de outubro de 1854, às seis horas da manhã, no novo domicílio de seus pais. Paule Victorine cumpriu uma pequena estada na Terra pois, com um ano de idade, em 25 de setembro de 1855, às 18 horas, desencarnou, sensibilizando pela dor os seus pais.

Antes mesmo de Paule Victorine nascer, Émilie Collignon havia passado pela dor da chamada *perda* física de seu pai, o Sr Paul Damase Bréard, homem muito dinâmico e determinado, conforme citação feita por J.-B. Roustaing sobre sua vida:

Em 1832, quando o cólera asiático assolava Paris, o Sr Bréard, pai do médium, se absteve, com efeito, durante quatro dias, de toda e qualquer alimentação, temendo-lhe as conseqüências, da epidemia reinante. E, apesar disso, durante aqueles quatro dias, cuidou, bem disposto, dos seus negócios (QE, I, 248).

Ele desencarnou na residência de sua filha, em Caudéran, no dia 23 de março de 1854, às 16:15h, aos 61 anos de idade. A Sra Émilie, de família católica e, ainda, dada a época, sem as benções da Doutrina dos Espíritos, da qual foi pioneira incontestemente, incorporou a dor da saudade na alma resignada, porém sem as claridades da compreensão do que se passa no fenômeno da morte.

O corpo de seu pai foi sepultado no Cimetière des Pins Francs, em Bordeaux. A localização da concessão é *caveau Collignon*, allée A, No 27-28, onde se ressalta a inscrição sobre a campa: *Paul Damase Bréard né le 08.09.1795, mort le 23.03.1854*

A *roda da vida*, no entanto, num fluxo permanente, não pára. É Deus que dá e retoma a vida (I Sm 2: 6), e faz tudo nascer, morrer e renascer, continuamente (RS, FEB, 1861, novembro. p. 478). Assim, numa onda permanente, a dor da perda é substituída pela alegria da vida, e tudo prossegue obedecendo à ordem imperativa do comando evolutivo. Então, em 02 de outubro de 1856, nasce, através do concurso do casal Collignon, mais um filho, que receberia o nome de Henri Paul François Marie Collignon, às 11:20h, e que daria aos seus pais e à França o maior exemplo de dedicação, serviço e amor. Henri se immortalizou na política, como prefeito dos mais queridos, em diversas regiões, e como herói na guerra de 1914, quando num gesto de coragem entregou a sua vida em defesa da pátria.

Agora vamos focar o ano de 1861 quando Sra Collignon conheceu pessoalmente os missionários Allan Kardec e Jean Baptiste St. Omer Roustaing. Ambos foram visitá-la no intuito de observar um grande quadro mediúnico desenhado, representando um dos aspectos dos mundos que povoam o espaço. Neste tempo, a Sra Émilie Collignon e sua família não moravam mais em Caudéran. Vamos encontrá-la, na nova residência, em Bordeaux, na rue Sauce, 12. Esta rua, em 1920, passou a se chamar Henri Collignon em justa homenagem a seu grande filho, herói francês.

Inicialmente foi visitá-la Allan Kardec aproveitando sua estada em Bordeaux, a convite do Sr Émile Sabò, para a inauguração em 14 de outubro da *Sociedade Espírita*. Foi então o Codificador convidado para observar as faculdades medianímicas da jovem Jeanne Collignon, a primeira filha de Émilie, que completaria dezenove anos em dezembro. Kardec informa que à sua faculdade de escrever se somava a de desenhista e música. Ela recebeu um trecho de música do Espírito Mozart, que não desautorizaria este grande compositor. Surpreendente foi, também, a exatidão na assinatura da entidade, em tudo por tudo, semelhante ao seu autógrafo quando encarnado.

Mas, ainda segundo Kardec, o seu trabalho mais notável é, sem dúvida nenhuma, o desenho (*le dessin*):

Trata-se de um quadro planetário (*un tableau planétaire*) de quatro metros quadrados de superfície, de um efeito tão original e tão singular que nos seria impossível dar uma idéia pela sua descrição (p. 475).

O trabalho é desenhado em lápis negro, em pastel de diversas cores e em esfuminho. Este trabalho tinha sido iniciado há alguns meses, e ainda não estava encerrado, quando da

visita do Prof Rivail, e havia sido destinado, pelo Espírito artista, à *Sociedade Espírita de Paris*. Kardec viu a médium em plena execução e ficou maravilhado com a rapidez e o nível de precisão:

Inicialmente, e à guisa de treino, o Espírito a fez traçar, com a mão levantada e de um jacto, círculos e espirais de cerca de um metro de diâmetro e de tal regularidade, que se encontrou o centro geométrico perfeitamente exato (p. 475).

Evidentemente, sem o trabalho pronto, Kardec não pode aquilatar o quadro, quanto ao valor científico, e como ele mesmo disse, admitindo seja uma fantasia, não deixa de ser, como execução mediúnica, um trabalho notável.

A tela, antes de ser encaminhada a Paris, seria fotografada e reproduzida, em várias cópias, por sugestão do próprio autor espiritual, para que da obra muitos tivessem o conhecimento. Outro fato que o visitante fez questão de ressaltar é que o pai da médium era pintor:

Como artista achava que o Espírito obrava contrariamente às regras da arte e pretendia dar conselhos. Por isso o Espírito o proibiu de assistir o trabalho, a fim de que a médium não lhe sofresse a influência (p. 476).

Mas, com todo respeito ao artista pintor espiritual e seu quadro, e ao músico celeste e seu trecho musical mediúnico, penso que é na concordância com o ensinamento de *O livro dos espíritos* que encontraremos a grande virtude deste médium bordelense, como tão bem observa Kardec:

Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O livro dos espíritos* (p. 476).

Agora foi a vez de J.-B. Roustaing conhecê-la, e logo após ao inesquecível encontro pessoal dele com o missionário de Paris, Allan Kardec, em 14 e 15 de outubro, onde com toda a satisfação apertaram as mãos, na Sociedade de Bordeaux. Jean Baptiste Roustaing também foi visitar a Sra Collignon impulsionado pelo mesmo motivo de Allan Kardec:

Em Dezembro de 1861, foi-me sugerido ir à casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem devia ser apresentado, para apreciar um grande quadro (*un grand tableau*) mediunicamente desenhado (*dessiné*), representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço (QE, I, 64).

Evidentemente que estamos diante do mesmo quadro (*tableau*), mediunicamente desenhado (*médianimiquement dessiné*), visto em execução por Kardec e doado espiritualmente, depois de pronto, à Sociedade de Paris. Dada as dimensões do movimento espirítico da época, em Bordeaux, fica difícil se pensar numa obra com as mesmas características: grande quadro (*grand tableau*) mediúnico, de 4 m², retratando o aspecto planetário (*planétaire*) ou, como diz Roustaing, representando um aspecto dos mundos que

povoam o espaço (*qui figurait un aspect des mondes répandus dans l'espace*). A semelhança nos textos, aqui, nos leva, com segurança, à identificação que Kardec e Roustaing viram o mesmo *quadro planetário* e na mesma época, nos fins de 1861.

Assim temos que o Codificador do Espiritismo esteve na casa de Émilie Collignon aonde, alguns dias mais tarde, os Evangelistas, assistidos pelos Apóstolos, em *espírito e verdade*, anunciariam mediunicamente a obra *Les quatre evangiles*. Precisando a época, a visita de Kardec ocorreu cerca de sessenta (60) dias antes do anúncio da maior obra mediúnica sobre os ensinamentos de Jesus Cristo.

Voltemos ao quadro mediúnico. Charles Collignon era pintor e espírita e, por certo, queria expor este quadro em seu atelier, para observar melhor a técnica espiritual empregada pois, naquela época, tudo isto, em especial a *psicopictografia*, era muito novo. Outro fato: dada a sua influência no meio das artes, o quadro ali exposto seria melhor e mais facilmente observado, principalmente por especialistas no assunto que deviam ser convidados por Charles Collignon. E mais: seu atelier serviu para a execução do quadro como espaço apropriado e com a devida disponibilidade dos materiais e instrumentos necessários.

O pai da médium, Sr Charles Collignon, sendo pintor profissional, com larga experiência, quis inclusive opinar na execução da técnica mediúnica, o que não foi consentido pelo autor espiritual. O quadro foi executado com cuidado e levou alguns meses para ser pintado.

O *Censo*¹⁰ de 1866, na cidade de Bordeaux, também contemplou a Rue Sauce e a família dos Collignon. Nele, temos algumas particularidades até então desconhecidas. Na Gironde era comum dar ao lado do nome legítimo, o oposto, *em família*. Por isso Roustaing era conhecido por *St Omer* e Elizabeth, sua esposa, por *Jenny*. Os Collignon, Charles e Émilie eram conhecidos, na intimidade, segundo o Censo, pelos prenomes: *Jean*, de 58 anos e *rentier* (capitalista) e *Jeanne*, da família Bréard, 47 anos, sem *profissão*. Como este prenome só era escolhido muito tempo depois do nascimento, o menino Henri ainda não tinha o seu, mas aparece, com o nome do registro de nascimento, tendo, então, 10 anos (nasceu em 2 de outubro de 1856). A jovem Jeanne, agora com 22 anos, foi registrada com o nome íntimo e carinhoso de *Jeannine*.

A família ainda tinha sobre seu teto duas domésticas, uma de 32 anos, Marie Charré e outra de 21 anos, Gracienne Lajon.

O imóvel era grande, e as respostas ao Censo foram dadas em uma das entradas da residência, do No 7 ao No 12, da Rue Sauce, pois ao que parece, ele estendia-se até ao atelier do Sr Charles, na esquina com a Rue Laroche, por uma comunicação interna entre os prédios.

O casal Collignon se encontra, no Censo, registrado no No. 7. E no No. 12 temos a família Lalanne, da zeladora da propriedade, composta de seis pessoas: Mathieu Lalanne (46 anos, biscateiro), sua esposa Jeanne Renouil (46 anos, zeladora) e os filhos: François (trabalhador em fábrica de piano, 20 anos), Bertrand (17 anos), Raymond (15 anos) e Jean (10 anos).

Voltemos à filha dos Collignon, Jeannine (na intimidade do lar). Ela era médium mecânica – a mediunidade é hereditária, pois Émilie também é médium mecânica -, que

¹⁰ Este documento com o Censo dos Collignon nos foi enviado pelo *Archives de Bordeaux*, através do Sr Agnès Vatican, em 10 de setembro de 2004.

escrevia tratados, compunha e pintava. Mas a faculdade psicopictórica era a que mais sobressaía, segundo Kardec:

O trabalho mais notável é, sem contradita, o desenho (RS, FEB, 1861, novembro, p. 475).

Agora há um fato que precisa bem a época em que a Sra Émilie Collignon conheceu as obras de Allan Kardec. O Codificador, falando sobre a filha dela, Jeannine, registra:

Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O livro dos espíritos* (p. 476).

O anúncio da visita de Kardec à cidade de Bordeaux foi feito na *Revue spirite* de setembro de 1861. Logo, o tratado foi psicografado antes do mês de setembro. Com o anúncio da chegada próxima de Kardec, tudo divulgado pelos *quatro ventos*, seu nome se popularizou mais em Bordeaux, bem como suas obras, que puderam ser conhecidas pelas médiuns, Jeannine e Émilie.

Quanto à informação de Émilie, na carta para um abade de Bordeaux, e publicada por Kardec na *Revue spirite*, de que em sua família, em janeiro de 1862, apenas ela e seu marido Charles seguiam a *via espírita*, não é argumento para se opor aos dados sobre a mediunidade de sua filha Jeannine. Ela era jovem, solteira nesta época, como informa o Censo, logo, casadoira, dependente da família, que a prudência de seus pais achou por bem resguardar. Coisa aceitável para época, para famílias ricas e, inclusive, de tradição protestante por parte do Sr Charles. Tempo depois a jovem veio estabelecer casamento com o Sr Maillères.

O casamento de Jeanne-Maillères ocorreu entre 1866 e 1872. Não temos ainda a certidão de casamento, porém, esta pesquisa, já consegui levantar muitos dados relevantes: No Censo de 1866 temos a informação, já registrada, de ser Jeanne solteira, mas no Censo de 1872¹¹ ela aparece como *separada* (séparée) do Sr Maillères. Bem mais à frente, em 1891, após a desencarnação do Sr Charles Collignon, quando foi feita a transferência de seus bens aos seus herdeiros, através da Declaração de Sucessão (Déclarations des Mutations por Décès)¹², Jeanne já se encontrava *divorciada* (divorcée) do Sr Georges Maillères, e continuava a morar na residência de seus pais, na Rue Sauce, 12.

Qual o motivo da separação do casal? Possivelmente ficará para sempre o sigilo na história! Mas me dou o direito de aventar a hipótese, bem plausível para a época, de que o principal motivo, entre outros, esteja no fato de Jeanne ser medium e espírita. Daí todo o cuidado em não se revelar o nome de jovens casadoiras, naqueles tempos ...

¹¹ Documento enviado, gentilmente, pelo Sr Agnès VATICAN – Le conservateur des Archives Municipales de Bordeaux, em 14 de março de 2006. Não reproduzimos o documento dada a precariedade da cópia autenticada.

¹² Documento enviado pelo Conseil Général de la Gironde, em nome do Le Président du Conseil général, Sr Louis BEGÈS, em 17 de março de 2006. Não reproduzimos o documento dada a precariedade da cópia autenticada. Pela relação dos bens se vê claramente que o casal Collignon era capitalista e vivia de rendas.

E isto é bem certo, pois Kardec não revelou o seu nome na *Revue spirite*, nem Roustaing em *Les quatre evangiles*.

Kardec era bem consciencioso quando da publicidade de nomes de espíritas e simpatizantes em sua época:

A reserva que temos na publicação de nomes é motivada por razões de conveniência, pelo que não temos, até o momento, senão que nos felicitar (RS, FEB, 1860, janeiro, p. 53).

Mais à frente, ele explica o porquê:

Uma coisa é ter coragem de externar a opinião numa conversa e outra é entregar o nome à publicidade [...] Estes escrúpulos, que absolutamente não implicam falta de coragem, devem ser respeitados (RS, FEB, 1860, fevereiro, p. 62).

E, por fim, comenta a principal razão que é, também, o principal motivo sobre o silêncio do nome de Jeannine:

Quando fatos extraordinários se passam em qualquer parte, compreende-se que seria pouco agradável, para as pessoas que lhes são objeto, serem transformadas em ponto de mira da curiosidade pública e molestada pelos importunos. Sem dúvida, devemos ser gratos aos que se põem acima dos preconceitos, mas também não devemos censurar com tanta leviandade os que talvez tenham motivos legítimos para não se fazerem notados (pp. 62-3).

Não há nada oculto que não venha a ser descoberto. Jeannine Collignon é mais uma prova.

A partir desta visita de Roustaing, a Sra Émilie Collignon e seu esposo se engajam de vez no movimento espírita bordelense e, em âmbito nacional, marcam presença na *Revue spirite* de Paris e na *La verité* da cidade de Lyon. Émilie vai se transformar na maior personalidade mediúmica de Bordeaux, aquela que recebeu a maior divulgação na imprensa espírita, com *um cem número* de mensagens, artigos, cartas e livros.

Imediatamente após estas duas célebres visitas, vamos encontrar o casal Émilie-Charles freqüentando e participando das sessões espíritas do prestigiado *Grupo Sabò*. O local do *Grupo* facilitava muito, pois a rue Barennes está localizada nas proximidades da antiga rue Sauce.

Em seguida, Émilie Collignon funda um Centro Espírita: o *Grupo Sra Collignon*, o que era comum na época. Aliás, é o próprio Kardec quem recomendava estes grupos particulares, evitando o inchaço inconveniente para a prática mediúmica e pelo perigo de endeusamento pelo poder¹³.

Dada a sua excelente mediunidade, do tipo mecânica, e sua grande fluência no escrever, seu *Grupo* se popularizou rapidamente, o que fez o Sr Alexandre Delanne observar, quando de sua visita à cidade de Bordeaux:

¹³ Ver o artigo completo de Allan kardec: *Organização do espiritismo* (RS, 1861, dezembro, pp. 528-47).

Eu visitara os grupos espíritas dessa cidade; nela já havia um número bastante grande. Os mais freqüentados eram os da Sra Collignon, da Srta O'kine, dos Srs Roustaing, Krell, Alexandre, etc. Existiam dois órgãos espíritas: *Le Sauveur des peuples* e *L'Union spirite bordelaise* (*Le spiritisme – organe de l'union spirite française* (Gerente: Gabriel Delanne), No. 23, 1º quinzena de fevereiro de 1884, p. 6. Redação e administração: Passage Choiseul, 39 & 41, Paris).

Não é surpreendente, nem coincidência, que, nesta lista de grupos espíritas de Bordeaux, o Grupo da Sra Collignon a esteja encabeçando. Dada à divulgação de sua produção mediúnic, nos diversos periódicos espíritas da cidade, e da veracidade comprovada de vários fenômenos mediúnicos obtidos por seu intermédio, o destaque ao seu Grupo é mais que natural.

A Sra Émilie Collignon estudava a doutrina e as diversas comunicações mediúnicas, recebidas por ela ou não, as meditava, analisava a linguagem, a forma e o fundo, comparava com outras mensagens de seus *bons guias particulares* e, em especial, consultava o seu mentor, o Espírito Joseph, sempre que achava necessário. É através do jornal *La lumière* que ficamos sabendo que o Espírito Joseph é o seu mentor (1º ano, No 6, 16 de junho de 1864, p. 4). Ressalto de imediato que Joseph fazia parte do *corpo* do Espírito de Verdade, responsável primeiro por toda a Terceira Revelação.

Émilie colaborou muito com instrutivas mensagens mediúnicas que foram estampadas por Allan Kardec na *Revue spirite: O espiritismo filosófico*, de Bernardin (RS, FEB, 1862, junho, 263-266), *Meu Testamento* (poesia, RS, FEB, novembro, pp. 462-5) e, - *É permitido evocar os mortos, já que Moisés o proibiu?* - de Simeão, por Mathieu (RS, FEB, 1863, outubro, pp. 425-7).

Em 1863, surge o livro *Spiritisme - réflexions sur le spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs - communications, lettres et fables spirites*, por J. Chapelot, pseudônimo literário de Jean Condat, e na sua segunda parte, está estampada uma série de comunicações dos principais médiuns da época; entre elas, temos seis (06) instrutivas comunicações ditadas à mediunidade da Sra Émilie Collignon: *La résignation, Enfants du Spiritisme rappelez-vous, Laissez le temps écouler ses flots, La clef de diamant, Orgueil que peux-tu faire? e Ne jouez pas avec la vérité*. É escusado falar da profundidade e da beleza destas pérolas espirituais.

Aqui, aproveito para pedir desculpas ao leitor por não reproduzir neste esforço as muitas e muitas mensagens da Sra Collignon, espalhadas pelos diversos periódicos espíritas. Nosso espaço não comportaria... Há também artigos, novelas, cartas e livros. Numa outra oportunidade traduziremos estas mensagens e daremos publicidade a toda esta produção.

Émilie Collignon contribuiu muito mais. 1864 foi um ano de graças abundantes para o Espiritismo e para a médium de *Les quatre evangiles*. No mesmo mês de abril, em que vimos surgir na imprensa o seu *L'Éducation maternelle*, é lançado em Bordeaux, um outro periódico bordelense, *La lumière*, no dia 7 (quinta-feira), também sobre a direção do Sr Armand Lefraise. Nele é publicada uma nova série de artigos de Émilie Collignon, não mediúnic, mas com certeza inspiradíssima, intitulada: *Entretiens familiers sur le spiritisme* [Conversas familiares sobre o espiritismo]. Estas publicações se iniciam no primeiro número de *La lumière* e só terminam em 15 de março de 1865 (No 24). Como se vê, a série

é longa, e é dividida em duas partes: *As conversas*, encerradas em 1º de janeiro de 1865 (No. 19) formam a primeira parte. Em seguida, vem uma segunda parte, com uma série de profundas e significativas mensagens mediúnicas, por diversos Espíritos, até o No 24 do periódico.

Émilie foi de uma felicidade indizível. Didática, repassa os principais pontos doutrinários, com ênfase sobre educação mediúnica. É uma espécie de síntese de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*. No que ela escreveu, e na forma como ela escreveu, observa-se total segurança, tão necessária para o bom desempenho de uma missão na seara do serviço mediúnico com Jesus.

Émilie mostra todo o seu carinho e respeito pelo Codificador, dedicando-lhe este trabalho:

AO SENHOR ALLAN KARDEC

Caro e honorável mestre.

Em lhe oferecendo este resumo dos preceitos que foram por vós estabelecidos, não pretendo me prevalecer aos olhos de nossos irmãos da autoridade de vosso nome, mas lhe conceder, publicamente, o testemunho de meu profundo reconhecimento pela fé viva que fui buscar em todas as vossas obras que me serviram de base para este pequeno opúsculo.

Receba, caro mestre, a garantia renovada de minha fraternal simpatia.

É. Collignon

Meu Deus! Quanto reconhecimento, agradecimento e amor!

A segunda parte das comunicações espíritas é intitulada *Dissertations médianimiques – Dictées à Madame Collignon – à l'appui du travail qui précède*. São ao todo oito (08) mensagens.

Terminada a publicação em série, todo o material foi organizado numa brochura publicada em 1865, impressa e distribuída em Bordeaux pela Chez Feret et Bardet librairie e, em Paris, pela Chez Ledoyen librairie, 31, Galerie d'Orléans.

Allan Kardec fez questão de anunciar tão importante trabalho com uma saudação muito rica de elogios: (RS, FEB, 1865, setembro, pp. 382).

Voltemos para o abençoado ano de 1864. Que ano! Em abril, como um sol de rara beleza, brilha *O evangelho segundo o espiritismo*. Que abril! Trabalho muito meditado por Allan Kardec na psicósfera bucólica de Sante-Adresse. Numa casa cercada por jardins, cercada de árvores e flores, Kardec, em solidão, respirando calma e tranqüilidade, concebeu o plano inspirado por seus guias e elaborou, em comum acordo com eles, *o livro áureo do espiritismo*. Diz um amigo espiritual para Allan Kardec:

Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já se lhe pode ver a cúpula a desenhar-se no horizonte (*Obras póstumas*, Allan Kardec, FEB, 1973, Rio de Janeiro, p. 309).

Em 1º de maio deste ano, o clero gritou: *heresia!* Aliás, como os mentores de Kardec já lhe haviam anunciado (*Obras póstumas*, FEB, p. 308). Os espíritas, até hoje, não tem palavras para agradecer *as grandes vozes do Céu!*

Aqui, em especial, penso na Sra Émilie Collignon ao ver estampada, nesta obra, algumas mensagens captadas pela antena sensibilíssima de sua mediunidade. Não é orgulho que traz à alma, é a alegria indescritível de *serva do Senhor*, de se sentir aceita, como operária da *grande causa da ressurreição* do Evangelho do Cristo, em *espírito e verdade*.

A cidade de Bordeaux contribuiu com 27 mensagens para *O evangelho segundo o espiritismo*. Destas, Émilie Collignon intermediou várias, mas infelizmente só podemos provar, até agora, duas participações, o que, convenhamos, uma já era suficiente.

Passemos às duas mensagens que indiscutivelmente foram psicografadas por Émilie Collignon. A *primeira* denomina-se *L'indulgence* (*A indulgência*) e foi, segundo Allan Kardec, ditada em Bordeaux, no ano de 1863, por Joseph, Esprit protecteur. Fora de *O evangelho segundo o espiritismo*, a encontramos publicada, pela primeira vez, no periódico *La lumière*, No 24, de 15 de março de 1865, p. 03. Aqui, há a informação do nome do médium, Émilie Collignon, mas não há o registro da entidade comunicante. Depois, ela é publicada na brochura *Entretiens sur le spiritisme*, pp. 83-4; evidentemente com o nome do médium Émilie Collignon, mas ainda sem o nome do Espírito. Então, é por Kardec que ficamos sabendo o nome da entidade que assinou a mensagem: Joseph, Espírito protetor.

Não há necessidade de reforçarmos a beleza e a profundidade da mensagem, basta saber onde Kardec a publicou. É mais que suficiente! Porém, há algo mais: Allan Kardec, com o bom senso que lhe é próprio, e em *comum acordo* com a Espiritualidade Maior que o assistia, no recolhimento em Sante-Adresse, faz alguns retoques de editoração na mensagem, visando, penso, a uma melhor fluência. Por isso, corta e inclui palavras, muda a pontuação, retira frases e, com a mensagem ajustada aos interesses do capítulo X, *Bem-Aventurados os que são misericordiosos*, a imortaliza em *O evangelho segundo o espiritismo*. Aliás ele comenta sobre estas editorações especiais:

Os espíritos sempre nos têm dito: Ligai-vos ao fundo e não à forma; para nós, o pensamento é tudo; a forma, nada. Corrigi, pois, a forma, se quiserdes. Nós vos deixamos esse cuidado (RS, FEB, 1860, junho, p. 283).

A segunda mensagem, Kardec a inclui, também, no capítulo X de *O evangelho segundo o espiritismo*, indicando que foi ditada em Bordeaux, pelo Espírito Dufêtre, évêque de Nevers, mas sem registrar a data. Aí, ela recebe o título geral, juntamente com outras mensagens, de *L'indulgence* [*A indulgência*]. No jornal *La lumière*, No 24, de 15 de março de 1865, p. 03, ela é republicada com a identidade do Espírito, mas com o nome do médium abreviado: Mme C... . Outra informação: aí ela recebe a denominação de *Le spiritisme pratique* [*O espiritismo prático*]. Depois, ela é reeditada na brochura *Entretiens sur le spiritisme*, pp. 84-5; evidentemente com o nome do médium, Sra Émilie Collignon, porém, sem a identidade do comunicante. Aí também se chama: *Le spiritisme pratique*. A data do ditado não é informada em nenhum lugar, ficando entre 1861, ano em que Émilie entra para a seara espírita, e início de 1864; pois, em abril deste último ano, ela aparecerá em *O evangelho segundo o espiritismo*.

Assim, reunindo todas as informações, como um quebra-cabeça – a história é um juntar de caquinhos -, temos: a mensagem foi ditada pelo Espírito Dufêtre, bispo de Nevers,

à médium Émilie Collignon, em Bordeaux, com o título de *O espiritismo prático*, e primeiramente publicada, por Kardec, em abril de 1864, em *O evangelho segundo o espiritismo*, no capítulo X, *Bem-aventurados os misericordiosos*. Não há registro da data do ditado.

Esta comunicação também sofre retoques de editoração, feitos por Kardec, visando, penso, a uma melhor fluência. Por isso, ele corta e inclui palavras, muda a pontuação e retira frases, até seu ajuste final.

Em 1864, outro fato relevante aconteceu na vida de nossa médium. No dia 17 de julho, às duas horas da manhã, desencarnou a mãe de Émilie Collignon, a Sra Aimée Marie Célestine Hubert dit Descours, viúva Bréard, aos 67 anos de idade, em sua residência, na rue Sauce,¹²

O que é digno de nota é que a Sociedade de Paris, em 2 de novembro de 1864, visando oferecer uma piedosa lembrança a seus *falecidos* colegas e irmãos espíritas, numa reunião espiritual específica, recebe várias mensagens dos mortos-vivos e, entre elas, através da médium Sra Delanne, temos a benção das palavras mediúnicas da Sra Aimée Bréard, *de Bordeaux*, a querida mãezinha de Émilie (RS, FEB, dezembro, 1864, p. 492).

Continuemos aprofundando a vida da grande pioneira do Espiritismo. Agora vamos focar a pedagogia de Émilie Collignon.

O segundo testamento¹⁴ de Roustaing, de 25 de novembro de 1878, em certa altura anuncia:

Dô e lego à senhora Collignon, na sua qualidade de presidente da obra de aprendizes, obra das lojas maçônicas, a quantia de três mil francos, encarregando-a de fazer a aplicação na obra de conformidade com as regras e estatutos que a regem.

O que significa presidente da obra de aprendizes? A *Revue spirite* esclarece sobejamente os fatos que podem ser revividos em detalhes.

Em princípios de 1870, Émilie Collignon projetou criar uma escola para meninas pobres e cursos para mulheres adultas. Os recursos para a consecução deste empreendimento era sua intenção tirá-los da venda de uma obra, escrita por ela para tal fim: *Esquisses contemporaines* (Marennes, Librairie Florentin-Blanchard¹⁵, 1870). *Esquisses* significa *esboços*; logo temos: *Esboços contemporâneos*. Esta brochura nos foi enviada, de Bordeaux, em abril de 1997, pelo então Primeiro Ministro Francês M. Alain Juppé.

¹⁴ Neste testamento, J.-B. Roustaing afirma que suas obras espíritas, publicadas ou em manuscrito, seriam totalmente administradas por Jean Guérin, um dos seus grandes discípulos. Guérin, por sua vez, deixou registrado em seu testamento holográfico, testamento específico que cuida de seu funeral, de 07 de julho de 1882, que o Sr Barão Joseph – Alphonse du Boscq, também um dos grandes discípulos (*élèves*) de Roustaing, seria, por sua vontade, o executor testamentário de seus bens. Assim, por linha de sucessão voluntária, o Sr du Boscq passou, desde então, a ser o legítimo responsável pela publicação e distribuição das obras completas do Apóstolo Roustaing. Ele nasceu em Libourne, em 13 de julho de 1819. Proprietário do Castelo de Couturier, em Baigneaux; onde foi prefeito a partir de 1848; suplente de juiz de paz de Targon a partir de 1849; membro do Conselho Geral a partir de 1852 e membro conservador desta assembléia (Ver Feret, E., *Statistique générale de la Gironde*, tomo 3, p. 86).

¹⁵ O Sr *Florentin-Blanchard* era espírita em Marennes. Amigo e defensor de Kardec, bem como defensor dos princípios doutrinários contra o ataque de intransigentes. Ver artigo de Kardec intitulado *O espiritismo em Rochefort – episódio de viagem do Sr Allan Kardec* (RS, FEB, 1862, dezembro, pp. 499-509).

É uma obra muito interessante que merece ser meditada. Depois da apresentação de Émilie Collignon, segue um belo poema intitulado *Dieu (Deus)*, que a *Revue spirite* transcreve em suas páginas (RS, 1871, p. 63). Em seguida, temos artigos e poemas com temas mais que atuais: *Às damas de Bordeaux, Dizer e fazer são duas coisas diferentes (Dire et faire sont deux – [fábula])*, *Emancipação das mulheres*, *A filha da necessidade* [poema] e *O luxo*. Por fim, uma peça de teatro, *Tudo que brilha não é ouro (Tout ce qui reluit – n'est pas or)*. A brochura tem, ao todo, 33 páginas.

Esta brochura é uma alerta às *damas da sociedade*, quanto a seu importante papel na formação da família. Diz mais, o objetivo principal da mulher é *a educação de vossos filhos*.

A *Revue spirite* anuncia este livro e seus propósitos, em 1870 (p. 295) e 1871 (pp. 13 e 63). Ele é formado por combinações (*mélanges*) de *prosas e poesias* e é devido à pena simpática de Sra E. Collignon e, *o produto de sua venda, está destinado a servir a uma obra essencialmente filantrópica e moralista*:

A fundação em Bordeaux de uma escola primária e profissional gratuita para as meninas. O preço da obra é de 1 franco¹⁶ (*Revue spirite*, 1870, p. 295).

Este projeto tinha, evidentemente, o apoio da Espiritualidade, em especial do Espírito Jean, dito *Bahutier*¹⁷, que cuidava da obra de forma imediata, inclusive ditando mensagem de apoio e esclarecimento.

Em 1873 Émilie Collignon faz mais um grande esforço para a concretização de seu projeto de instalação da escola, ao publicar o seu quinto livro, se incluirmos *Les quatre évangiles*, a brochura intitulada: *L'éducation dans la famille et par l'état - chef de la famille nationale* [A educação na família e pelo estado – chefe da família nacional]. Esta obra nos foi enviada pela *Bibliothèque Nationale de France-BNF* e traz as seguintes informações: Em Marennes, estava posta a venda pela *Librairie Florentin-Blanchard* e, em Bordeaux, pela *Librairie de Feret & Fils*, 15, cours de L'intendance.

Inicialmente, temos uma apresentação da Sra Collignon que aborda os objetivos que se pretende alcançar com esta publicação e a instalação de sua *Ouvroir-école*¹⁸; depois, segue uma carta de apresentação do trabalho, feita por Jean Macé, o fundador da *Liga de ensino*. Émilie Collignon diz que Jean Macé será o *passaporte* para a divulgação de sua *Ouvroir-école* e, também, de sua brochura: uma espécie de *aval*.

Ao todo são 44 páginas que tratam de assunto ultramoderno: *A educação na família*, *A família na escola primária*, *A instrução obrigatória*, *Deveres do Estado – chefe da família nacional*, *A gratuidade da instrução*, *A ciência na escola: a religião na igreja*, *O que será no futuro* [a educação], *Objecções*, *O que é: o que será* [a educação], *A questão do dinheiro*, *A nação é a família coletiva*, *Aos egoístas*, *O que o homem pode, o que ele deve* [em educação]. Estes temas mostram o quanto Émilie Collignon era antenada com a vanguarda.

¹⁶ Muitas instituições de beneficência têm no livro o seu sustento. Um exemplo é a *Mansão do Caminho*, em Salvador-BA, do nosso Divaldo Pereira Franco, um adepto de Roustaing; nela a venda de abençoados livros espíritas é uma das colunas de sustentação.

¹⁷ *Bahutier*: produtor de cofre, baú, malas, armários rústicos, etc. Ver 2º Apêndice desta brochura.

¹⁸ Uma tradução seria: *instituto de beneficência escolar, escola operária ou escola profissionalizante*.

A *Revue spirite* saudou o lançamento de mais um grande trabalho da generosa médium do Evangelho redivivo e reforçou a importância da escola que visava em seu curriculum à preparação para a profissionalização (*Revue spirite*, 1873, p. 164).

A guerra com a Prússia, porém, causou muitos danos na economia francesa, deixando o bolso das pessoas desprovidos de recursos para ajudarem no projeto de Émilie Collignon. Aliás, o Espírito Jean, *dito* Bahutier, já a havia alertado, que *nem sempre ela seria bem sucedida* neste projeto-escola. Assim, mais uma vez, ela, numa outra carta, alcança as páginas da *Revue spirite*, em 1876, onde lamenta não ter podido ainda concretizar o projeto da sua *ouvroir-école*, mas que se encontrava engajada, à frente da direção de uma escola e de uma creche, em Bordeaux, mantidas por uma *instituição independente* (RS, 1876, abril, pp. 127-8).

Enquanto Émilie Collignon não realizava seu intento da Ouvroir-école, ela não parava e presidia uma escola e creche com vinte crianças, mantida por uma *instituição independente*, que logo veremos ser a maçonaria. Por isso Roustaing, em seu segundo testamento determina: *Dôo e lego à senhora Collignon, na sua qualidade de presidente da obra de aprendizes, obra das lojas maçônicas.*

A carta de Émilie fala também do *orfanato do respeitado Sr Prévot*. Este orfanato ficava em Cempuis, no departamento de Oise. Prévot era membro da *Sociedade Espírita de Paris* e, se o leitor desejar saber mais sobre ele e seu exemplo espírita cristão, bem como a opinião de Kardec sobre sua obra, solicito buscar na *Revue spirite*, FEB, outubro, de 1863, pp. 410-415. O menino que a Sra Collignon encaminhou para esse orfanato chamava-se Félix e precisou ser transferido para este outro abrigo porque a escola de aprendizes que Émile Collignon presidia, a dos maçons, era para meninas.

Lendo muita coisa sobre os primórdios do espiritismo constatamos, algumas vezes, que nem sempre a relação era amistosa dos maçons para com os espíritas. Havia muito preconceito e discriminação. Ora, estes maçons que mantinham a creche e escola presidida por Émilie Collignon, por uma questão de escrúpulo, não vão aceitar as doações, de um berço e de um leito, porque nelas estavam gravadas: *ofertado por espírita*. Acompanhemos o *Aviso* dado pela *Revue spirite*:

A Sra Collignon nos comunica que a Creche maçônica de Bordeaux declinou da oferta feita, pelos espíritas, de um berço e uma cama de campanha que ela havia tomado a iniciativa de doar. Ela pede às pessoas que contribuíram com fundos para esse donativo que os reclamem de volta com a Sra Collignon, na Rua Sauce, 12, em Bordeaux (RS, 1876, julho, p. 232).

É muito honesto da parte da Sra Collignon devolver o dinheiro aos espíritas colaboradores; porém, é muito mais correto ocultar a fonte da doação, e por amor, não deixar de atender às crianças, as verdadeiras necessitadas. Afinal, a regra da caridade é sempre a do não *saiba a vossa mão esquerda o que deu a direita*. Émilie, refletindo, rapidamente reverteu a situação, e pede a *Revue spirite* que publique mais um *Aviso* complementar. Então, A. Bourgés, *Le directeur-gérant*, que substituía Leymarie, que se encontrava condenado e preso, em decorrência do escandaloso *Processo dos espíritas*, foi quem redigiu o *aviso*:

Conhecemos todo o devotamento e o interesse que a Sra Collignon tem pelo Espiritismo; conhecemos o bem que ela faz em nome dele, a fim de fazê-lo amado e, sobretudo, a profunda caridade que a anima... Assim, lamenta que a creche maçônica de Bordeaux tenha recusado a oferta de um berço e uma cama de campanha, porque ela pretendeu colocar esse donativo em nome dos espíritas.

A Sra Collignon nos oferece um ensinamento. Ela deu a soma de dinheiro que havia recolhido à destinação que lhe houvera primitivamente reservado, porém, sem a indicação da origem. Procedeu bem e nós a felicitamos. Cabe, sobretudo aos espíritas, fazer a caridade sem *étiquette* (RS, 1876, agosto, p. 264).

Por fim a *Revue spirite* manda publicar, em 1877, a prestação de contas de Émile Collignon quanto aos valores recebidos:

A SRA COLLIGNON AOS SEUS COOPERADORES

Comunico-vos o resultado obtido pela cooperação de nossos irmãos em Espiritismo. Em 1872 e 1873, recebi 460 francos; em 1876, 131 francos, ou seja, 591 francos.

Empreguei 349 francos no sustento de um menino abandonado em casa de sua ama de leite desde o fim de 1872. A pobre mulher não quis largar ao azar esse pequeno ser que, embora tendo família, foi colocado entre as crianças abandonadas, onde morreria em vista de frágil constituição.

Empreguei 60 francos para completar o pequeno dote de Félix, esse bom menino que colocamos em Cempuis (Oise), no asilo do nosso pesaroso Sr Prévot.

20 francos foram recolhidos à tesouraria da creche, em Bordeaux, e há outras despesas miúdas das quais darei conta a meus generosos doadores.

Sabeis que eu quis doar um leito à creche de Bordeaux, e que os seus dirigentes o recusaram, porque a soma empregada com esse objetivo vinha dos Espíritas!

Recebei, senhores, a expressão de meus sentimentos fraternos. Émilie Collignon, Rua Sauce, em Bordeaux (RS, 1877, julho, p. 231).

É lamentável o preconceito destes maçons, em específico: aceitavam que Émile Collignon, como espírita, presidisse a escola e a creche, mas eram intransigentes com relação a doações dos espíritas. Aceitar *doações*, passa a imagem de carência e fraqueza, logo, inferioridade. Aceitar o *serviço* de uma espírita, mesmo no posto de presidente, passa a imagem da superioridade de um grão senhor (a maçonaria), frente à inferioridade do administrador (Sra Collignon). Ah! Os homens, não conhecemos nada da lei de amor e humildade.

Émile soube calar para servir. Servir sem fronteiras, por amor, como recomenda Cristo. Que mulher! Que mãe! Que espírita!

Seu exemplo sensibilizou os espíritas sinceros de seu tempo. P.-G. Leymarie, inclusive, em sua visita a Bordeaux, em 1881, não deixou de ir visitá-la:

Antes de deixar Bordeaux vimos alguns dos nossos amigos espíritas... nós pudemos conversar com Sra Collignon (RS, 1881, 442).

É desta grande pioneira espírita e educadora que J. Malgras escreve:

Senhora Collignon (Émilie), mãe de um dos nossos mais simpáticos prefeitos, morta em 1902. Ela foi a célebre médium que escreveu para J.-B. Roustaing, chefe da ordem dos advogados de Bordeaux, os famosos *Evangelhos revelados* e dos quais certas visões originais foram vivamente combatidas e contestadas por um grande número de espíritas. É justo acrescentar que, longe de favorecer suas opiniões pessoais, ela era claramente oposta a certas revelações das quais não foi senão a intérprete meramente mecânica (*Os pioneiros do espiritismo*, p. 94).

Novamente temos interessantes pontos para analisar. Inicialmente, vejamos a informação de ser ela *intérprete meramente mecânica*. Vejamos um exemplo interessantíssimo de como funcionava em Émilie Collignon este tipo de mediunidade. O ditado era mecânico, porém, ela permanecia consciente e questionava tudo que não fosse filtrado pela sua razão; o que dava uma grande veracidade ao recebido.

O Espírito Marguerite ditou a Sra Collignon, certa vez, duas mensagens (*Les obstacles* e *Le paysan et le bon curé*, respectivamente), em datas diferentes, sendo que a *primeira*, veio num traçado e linguagem normais; a *segunda*, porém, foi bem diferente. O Espírito se manifestou com o linguajar de uma criança e usava da pena guardando certa travessura. Ela foi ditada numa pequena reunião, na presença do Sr Armand Lefraise, num domingo, em 29 de maio de 1864. Este último, no seu periódico *Le sauveur*, as publicou com um esclarecimento seu, seguido de um comentário do mentor de Émilie Collignon. Acompanhemos, inicialmente, o esclarecimento do Sr Lefraise sobre a captação desta 2ª mensagem:

A segunda foi obtida há oito dias, em nossa presença, durante uma pequena reunião; Ela foi totalmente traçada em menos de dez minutos, apesar da dificuldade que o Espírito comunicante impunha ao médium obrigando-o a escrever com o verso do bico da pena, posição que era imediatamente retornada quando a médium a colocava na posição natural; enfim, apesar da extensão e da bizarrice da sua ortografia e de seu estilo que, nós sabemos, não é a forma comum obtida pela médium (*Le sauveur*, domingo, 05 de junho de 1864, p. 2).

Iniciada a comunicação, a médium *resiste*, o Espírito *persiste*, e o Sr Lefraise coloca uma observação entre parênteses, transcrevendo as ponderações do Espírito comunicante frente às dificuldades impostas pela médium:

[O Espírito que fazia a médium escrever com a pena invertida, foi interrompido porque ela obstinava a manter a *pena* na sua forma normal] - Não, eu prefiro desta forma, retomando a pena entre os dedos do médium – Eis então o que eu desejo vos escrever: É preciso não me interromper, porque desta forma eu perderei o fio da palavra (p. 3).

Por fim, o Sr Lefraise dá mais esclarecimentos e transcreve o comentário do mentor de Émilie Collignon, que esclarece o motivo da forma do ditado e aproveita para iluminar seu conteúdo:

O médium, espantado pelo esforço que lhe havia imposto o Espírito, através de um estilo estranho e pela própria persistência dele, apesar da oposição do médium em lhe fazer manter a *pena* no sentido natural de escrever, pensava que se tratava de um Espírito leviano, simples, em decorrência da forma do ensino, apesar do fundo lhe parecer extremamente de grande seriedade.

Para tirar a dúvida do médium o guia lhe fez escrever o que se segue:

É um exemplo dado, cara criança. O Espírito que se comunicou não está carregado do fardo de ignorância que parece portar; mas ele desejou lhe fazer o *quadro* de sua última existência, conservando toda a sua originalidade. Como ele vos disse, é um grande ensino que aí deve ser transmitido. Os homens são, em geral, em todas as classes, o que fazem os seus superiores. Escolhe pois, cuidadosamente, o chefe de família, os instrutores, os professores, os guias que vocês vão dar aos vossos filhos, pois das impressões da idade mais jovem dependem todos os sentimentos do futuro.

JOSEPH (pp. 3-4).

Agora podemos melhor analisar o que o Sr J. Malgras quis dizer sobre a aceitação de Émilie Collignon frente a algumas partes de *Les quatre évangiles*:

[...] *ela era claramente oposta a certas revelações das quais não foi senão a intérprete meramente mecânica.*

Isto quer dizer que ela não aceitava na íntegra todas as passagens desta magnífica obra. Dado o seu tipo de mediunidade mecânica, é tudo muito natural e fortalece, inclusive, a própria revelação. É mais uma prova da autenticidade.

Tudo ocorre, então, à semelhança da mensagem recebida do Espírito Marguerite: O médium não concorda, porém não participa com sua interferência, e a mensagem é materializada no estilo e na característica do Espírito comunicante. Assim também é no caso de *Os quatro evangelhos*: a médium não concordava com o *corpo fluídico* de Jesus, e *resiste*. Apesar disto, ela não interfere no ditado com idéias pessoais, e tudo é comunicado segundo a determinação do Alto.

Até com a suposição de que o Espírito Marguerite era leviano, como pensou inicialmente a médium, no fim tudo se esclareceu, pela profundidade da substância e pela revelação do seu próprio mentor. Com o caso Roustaing não foi diferente. Tudo fica claro, quando se observa a unidade harmônica das mais de 1870 páginas, e da sua total relação com os princípios evangélicos-doutrinários. Acompanhemos o que escreveu sobre este assunto o Sr René Caillé, um dos adeptos mais esclarecidos de Roustaing:

Esta senhora foi, desde então, o único Médium que serviu à grande Revelação. Ela não emitiu nenhuma opinião que lhe fosse pessoal, muito ao contrário, porque a idéia do Cristo agênera, encarnado somente como Espírito e por via exclusiva de tangibilidade, lhe repugnava à razão. Entretanto, a Sra Collignon resistia, recusava-se, por assim dizer, em servir de instrumento aos Espíritos que começava a ver como impostores, e que, entretanto, ao contrário, eram Espíritos elevados vindos nos tempos preditos para revelar o que ficara oculto até então. A Sra Collignon cria e crê ainda, parece, que a Encarnação do Cristo foi análoga àquela de todos os homens de nosso Planeta e não pôde compreender a necessidade

de uma derrogação na regra geral da encarnação dos missionários da Humanidade. Relata-nos o Sr Guérin, o amigo e fiel discípulo de Roustaing, que “acontecia muitas vezes, durante os ditados medianímicos que o pensamento dos inspiradores desse trabalho, verdadeiramente providencial, ficava como que paralisado em sua livre manifestação, por causa dessa hostilidade pessoal da Médium em aceitar essa nova teoria, contraditória com aquela que era o objeto de suas preferências”. O Sr Roustaing me disse também muitas vezes que perseverança e dedicação lhe eram necessárias para prosseguir o trabalho e encorajar a Médium, quando os Espíritos lhe faziam escrever por assim dizer mecanicamente: *A Médium resiste*.

É certo que há em toda esta revelação três fatos eminentemente notáveis:

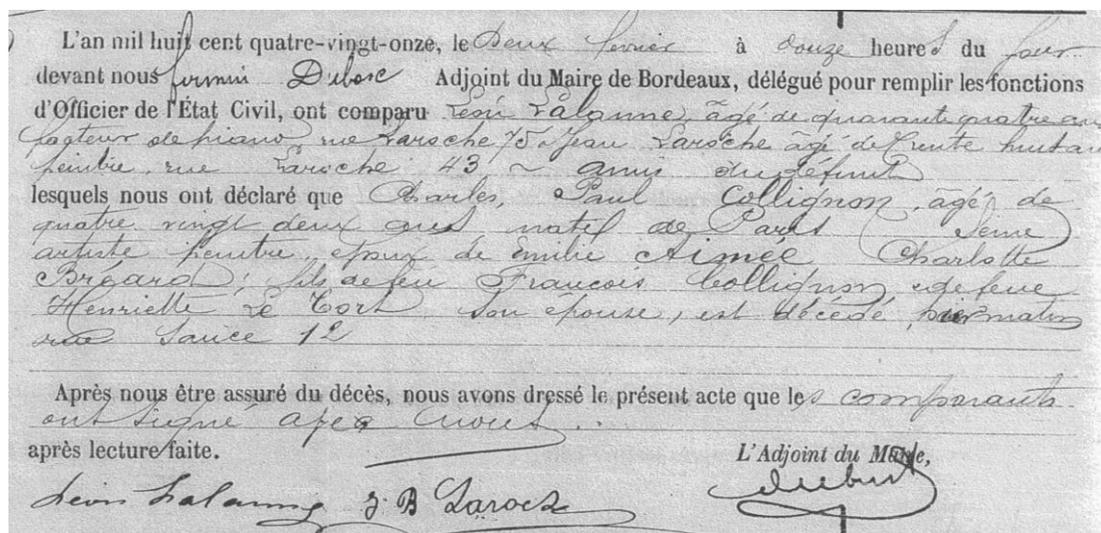
1o. A homogeneidade constante do pensamento, sempre elevado, dos Espíritos Inspiradores sem que nenhuma intervenção estranha viesse fazer suspeitar a origem;

2o. A resistência da Médium à manifestação do pensamento dos Espíritos, quando emitiam sobre o tema da natureza do Cristo uma teoria antipática às suas convicções;

3o. As manifestações espontâneas feitas a Roustaing antes que conhecesse a Sra Collignon e que se pode ler no prefácio de seu livro: *Les quatre Evangiles (Os Evangelhos explicados em espírito e verdade, análise e resumo, pp. 42-4)*.

* * *

Por fim, em 01 de fevereiro de 1891, na sua residência, desencarna o Sr Charles Paul Collignon. A *Certidão de Óbito*¹⁹ foi registrada no dia seguinte pelas testemunhas que se apresentaram como amigos do falecido: Sr Léon Lalanne (44 anos, fabricante de piano, Rue Laroche, 75) e Sr Jean Laroche (38 anos, pintor, Rue Laroche, 43). Aqui o nome de sua mãe está registrado como Henriette Le Tort. Evidentemente *Henriette* é nome *familiar*.



Certidão de Óbito de Charles Paul Collignon

¹⁹ Certidão enviada pelo Le conservateur des Archives municipales de Bordeaux Agnès Vatican, em 13 de julho de 2005.

O *Convoi Funèbre* de Charles Paul Collignon foi publicado nos principais jornais de Bordeaux. Em seguida reproduzimos o do *La Gironde*, de 3 de fevereiro de 1891, p. 3. Está cópia nos foi gentilmente concedida pela *Bibliothèque de Bordeaux*, através do Conservateur em Chef Nadine Massias, em 10 de outubro de 2005:



Convoi Funèbre de Chalés Collignon

A tradução é a que segue:

CORTEJO FÚNEBRE: Sra viúva Charles Collignon, Sra Jeanne Collignon, Sr Henri Collignon, subprefeito do Arles, e sua família desejam convidar aos amigos e conhecidos de nos dar a honra de assistir as exéquias do

Sr Chalés COLLIGNON,

seu esposo, pai e parente, que ocorrerá na igreja Saint-Ferdinand terça-feira 3 do corrente.

Nos reuniremos as 9: 15h na casa mortuária, rua Sauce, 18, de onde o cortejo fúnebre partirá as 9: 45h.

Não haverá outro convite.

Concluindo a grande missão da Sra Émilie Collignon, ainda seguimos o comentário de J. Malgras, citado acima, que informa que ela desencarnou em 1902. Os últimos anos de sua produtiva existência foram passados na bucólica cidade de Saint-Georges-de-Didonne, em Charente-Maritime, junto a familiares de Charles Paul Collignon, o seu digníssimo esposo. Nestas terras era predominante o espírito protestante. No lindo e significativo dia de 25 de dezembro de 1902 ela desencarna com 83 anos.

Seu filho, então prefeito do Finistère, na cidade de Quimper, Henri Collignon, manda publicar num jornal de Bordeaux, o *Convoi Funèbre* de Émilie, em 26 de dezembro.

Assim, como as principais notícias da desencarnação da Sra Collignon partiram do Finistère, surgiu por descuido, e até descaso, a nota na *Revue spirite* de que ela havia desencarnado em Quimper. Está errado²⁰! Quimper fica muito distante de Saint-Georges-de-Didonne. Nesta época a *Revue* não era mais dirigida por P.-G. Leymarie, que já havia desencarnado (1827-1901); por isso, a nota, tão pequena e simples, sobre uma alma que tanto e tão bem contribuiu com a Doutrina dos Espíritos e foi uma de suas principais pioneiras:

²⁰ O *Reformador* (junho de 1903, p. 172) baseado na informação fúnebre da *Revue spirite* comete o mesmo engano e troca o correto Saint-Georges-de-Didonne por Quimper.

Sra Collignon, a destacada (*remarquable*) médium de J.-B. Roustaing que publicou *Les quatre évangiles*, ditados por este médium, morreu em Quimper no dia 25 de dezembro último (RS, 1903, p. 246).

Grande e significativo dia do Natal de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

C) Sr. J. C. A. R.

Esta pesquisa não mediu esforços para encontrar alguma informação que pudesse indicar o nome da pessoa que está por trás desta abreviatura. Nem foi possível identificar o Espírito, o legítimo autor. Silêncio total!

O médium era de Bordeaux como confirma o jornal *Le lumière*, No 4, de 20 de maio de 1865, p. 4.

O que é notório é a grande contribuição que eles, médium e Espírito, proporcionaram ao Espiritismo nascente. Vamos listar a grande produção mediúnica que realizaram apenas nos dois periódicos gerenciados pelo Sr Lefraise:

| Poema | Jornal | Ano | No | Data |
|--|----------------|-----|----------|--------------------|
| Stances au Spiritisme | <i>Sauveur</i> | 1º | 3 | 14/02/1864 |
| L'enfant qui Dort | <i>Sauveur</i> | 1º | 7 | 13/03/1864 |
| Le Corps et L'Esprit | <i>Sauveur</i> | 1º | 10 ao 15 | 3/04 a 8/05/1864 |
| Le Fleuve de la Vie | <i>Sauveur</i> | 1º | 17 | 22/05/1864 |
| Le Petit Oiseau ²¹ | <i>Sauveur</i> | 1º | 24 | 10/07/1864 |
| La Mere, L'enfant et le Papillon ²² | <i>Sauveur</i> | 1º | 27 | 31/07/1864 |
| Le Rossignol ²³ | <i>Sauveur</i> | 1º | 31 | 28/08/1864 |
| La Mort d'un Ange ²⁴ | <i>Sauveur</i> | 1º | 34 | 18/09/1864 |
| Le Livre du Bon Dieu ²⁵ | <i>Sauveur</i> | 1º | 38 | 18/10/1864 |
| Les Fleurs Célestes ²⁶ | <i>Sauveur</i> | 1º | 41 | 06/11/1864 |
| La Mer ^{27,28} | <i>Sauveur</i> | 1º | 51 ao 52 | 15/01 a 22/01/1865 |
| Sur L'origine des Esprits et des Mondes | <i>Sauveur</i> | 2º | 4 ao 5 | 26/02 a 05/03/1865 |
| La Jeune Malade | <i>Sauveur</i> | 2º | 8 | 26/03/1865 |
| La Fée aux Lilas | <i>Sauveur</i> | 2º | 14 | 07/05/1865 |
| Une Extase Magnétique | <i>Sauveur</i> | 2º | 15 | 15/05/1865 |

²¹ *La lumière*, No 11, 1º de setembro de 1864.

²² *La lumière*, No 10, 15 de agosto de 1864.

²³ *La lumière*, No 12, 15 de setembro de 1864.

²⁴ *La lumière*, No 13, 1º de outubro de 1864 (o jornal, por engano, registrou novembro).

²⁵ *La lumière*, No 15, 10 de novembro de 1864.

²⁶ *La lumière*, No 16, 15 de novembro de 1864.

²⁷ Assinado: Le guide du Médium, assisté d'un outre Esprit évoqué.

²⁸ *La lumière*, No 21, 1º de fevereiro de 1865 e No 22, 15 de fevereiro de 1865.

| | | | | |
|------------------------------------|----------------|----|----|------------|
| 2° Extase Magnétique | <i>Sauveur</i> | 2° | 15 | 15/05/1865 |
| Le Cauchemar | <i>Sauveur</i> | 2° | 15 | 15/05/1865 |
| Feuilleton – Le Centenaire | <i>Lumière</i> | 1° | 4 | 20/05/1865 |
| Stances á la Charité ²⁹ | <i>Lumière</i> | 1° | 19 | 1°/01/1865 |

JORGE DAMAS MARTINS
STENIO MONTEIRO DE BARROS

²⁹ Nota de rodapé do original: “Esta poesia foi ditada ao médium à época quando a França inteira se associava ao pensamento do governo de ajudar, por intensas subscrições, às famílias dos trabalhadores do Seine-Inférieure, reduzidas ao estado de indigência pela crise na produção do algodão”.

PREFÁCIO

Não se poderia dar aos ensinamentos úteis uma publicidade maior. Eis o pensamento que nos levou a reproduzir, sob forma de brochura, as instruções que reunimos neste opúsculo, depois de tê-las publicado esparsamente em nosso jornal *le Sauveur des Peuples*.

A Educação maternal, comunicação mediúnica ditada à senhora Collignon, é a exposição sucinta, mas substancial, exata e profunda de todos os deveres da mulher em todas as épocas de sua vida: criança, moça, esposa e mãe. Ademais, ao lado de seus deveres, o autor invisível, lembrando ao leitor que a mulher é, como o homem, um espírito encarnado que só difere deste último pela forma e pelo destino do invólucro que o recobre, demonstra da maneira mais peremptória que ela não deve ser mantida em um estado intelectual inferior ao do homem, sem por isso invadir o papel deste na família e no lar, onde cada um deve manter sua tarefa particular. Ele prova que a educação atual da mulher é deformada; que, ao invés de só lhe inspirar o gosto pelos vestidos e pela graça feminina, é hora de guiar seu espírito para os estudos sólidos e sérios. Ele indica as causas que, com mais freqüência, produzem perturbação nas famílias, quando o casamento, longe de ser o resultado da afeição de dois espíritos simpáticos, é apenas o produto de um acordo financeiro.

É seguindo os preceitos estabelecidos, com tanta clareza quanto precisão nesse ensinamento, que a mãe de família fará de sua filha a mulher forte de acordo com o Evangelho.

Se existe um quadro que possa inspirar os homens que não estudaram suficientemente a dualidade de nossa essência, o desejo de instruir-se e de crer, esse quadro é a peça em versos que tem por título: *O Corpo e o Espírito*, obra também de um Espírito libertado da matéria.

Pelo exame desse quadro, fica-se singularmente impressionado pelo caráter de verdade emocionante de cada um dos retratos que estão traçados nele. Se a doutrina do Espiritismo é acusada de levar seus adeptos ao suicídio, qualquer leitor de boa fé deverá espantar-se de encontrar entre suas obras produtos tais como o retrato do Espírito do Suicida, que recomendamos à sua atenção de modo particularíssimo.

Temos a esperança de que as pessoas que querem esclarecer-se sobre o valor do Espiritismo, antes de entregar-se a um estudo aprofundado dessa ciência e provar do fruto da árvore para julgar sua qualidade, encontrarão nessas duas comunicações medianímicas uma base sólida para fundamentar sua primeira convicção.

A. LEFRAISE

Bordeaux, 20 de maio de 1861.

I PARTE

A EDUCAÇÃO MATERNAL

CONSELHOS ÀS MÃES DE FAMÍLIA

MÉDIUM ÉMILIE COLLIGNON

ESPÍRITO ÉTIENNE

A EDUCAÇÃO MATERNAL³⁰

À MÉDIUM

Vamos tratar uma questão delicada que necessita de grandes considerações. Fique, portanto submissa à direção que lhe será dada; escute e repita fielmente o pensamento, sem se preocupar nem com o assunto nem com a redação³¹.

Há já algum tempo, sentiu-se que o papel da mulher na sociedade era deturpado, e procurou-se em quimeras um remédio que só podia ser achado na razão fria e sã.

Queria-se a mulher livre, fazia-se a mulher licenciada; procurava-se instruí-la, fazia-se dela uma pedante; reprimem-na no lar, fazem dela uma criança chata, que envelhece criança, sempre criança!

Por que então essas criaturas, que têm a mesma origem que o homem — quer as tomemos do ponto de vista espírita³², como espírito que se encarna ora no invólucro delicado e nervoso da mulher, ora no corpo robusto e vigoroso do homem; quer as tomemos do ponto de vista do Gênesis, como descendentes de Eva, formadas pelas mãos do Criador; fração de Adão³³, que recebe o sopro, a vida, a alma enfim de Deus; — por que então, dizíamos nós, existe entre os dois sexos um disparate tão grande? Por que a vida da mulher se esvai, se dissipa em ocupações e pensamentos frívolos; por que é sem força moral e sem força física; por que o abastardamento da inteligência, enfim, a marca com seu ferrete desde o nascimento?

É porque o homem esqueceu que a mulher traz no ventre o destino das nações, o futuro do mundo; que é ela que pega no berço o estadista, o filósofo, o teólogo, a mãe de família; que os molda, que os modela na idade em que as impressões são fáceis e profundas³⁴.

Repetimo-lo: a mulher é o árbitro dos destinos dos povos. Preparem, portanto, para o próximo século homens fortes, mulheres *livres*³⁵; e para que a mulher seja *livre*, quebrem as amarras com que a futilidade a sobrecarrega. Para que os homens sejam fortes, preparem mães enérgicas e sérias.

³⁰ No original francês não costa a divisão desta brochura em partes. Optamos por fazê-la visando um melhor entendimento, pois os médiuns das duas produções não são os mesmos e os textos são totalmente independentes.

³¹ “No silêncio da noite santa, escuta-me. Põe de lado todo o saber e tuas recordações; põe-te de parte e esquece tudo. Abandona-te à minha voz, inerte, vazio, no nada, no mais completo silêncio do espaço e do tempo. Nesse vazio, ouve minha voz que te diz – ergue-te e fala: Sou eu” (Sua Voz, *As grandes mensagens*, Ubaldi, Pietro, Fundápu, Campos-RJ, 4ª edição – 1985, p. 20).

³² Ver *O livro dos espíritos*, Allan Kardec, perguntas Nos 200, 201, 202 e 822 e *Os quatro evangelhos*, J.-B. Roustaing, I, p. 160. Há uma *dissertação verbal* dada na *Sociedade de Paris*, 10 de setembro de 1867, cujo médium, Sr Morin, em *sonambulismo espontâneo* disse: “...os Espíritos não têm sexo; que aquele que hoje é homem pode ser mulher amanhã... a mulher, como todos vós, tem a centelha divina, porque a mulher é vós, como vós sois a mulher” (RS, FEB, 1867, pp. 235-6).

³³ Gênesis 2: 7 e 20-25.

³⁴ Ver *O livro dos espíritos*, No 385.

³⁵ “A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização” (*O livro dos espíritos*, No 822).

O lar deve ser a pátria da mulher³⁶; lá estão seus deveres, suas obrigações; lá devem concentrar-se seus estudos, suas abnegações, porque de lá sairão as gerações poderosas e esclarecidas; lá nascem a fé, o amor, a caridade, que devem cobrir o mundo.

Mães, é a vocês que nossas palavras se dirigem: ainda há tempo de sacudir o jugo que o mundo, a moda lhes impõem; é tempo de provar que se o invólucro é frágil³⁷, o espírito é inteligente e forte. Recusem portanto energicamente as fraldas apertadas cuja futilidade as envolvem desde seu nascimento até o túmulo; dêem uma olhadela rápida em seus deveres, em sua responsabilidade, e cinjam a couraça do guerreiro, peguem as armas do combatente para repelir para longe de seu lar os preconceitos que lá as tiranizam³⁸ e as tornam incapazes de ocupar o lugar que lhes pertence nele³⁹.

Por que, desde a primeira infância, não dirigir o espírito da mulher para os estudos sérios? Por que gastar sua inteligência tão viva, tão fecunda, em estudos superficiais, que lhe dão um falso verniz das ciências em que é preciso evitar aprofundar-se? Por que habituá-la, desde os mais tenros anos, a sacrificar o fundo à forma, a só viver para o exterior, para o mundo, onde ela só brilha como uma flor separada do caule, embriagando com o perfume que ela exala as borboletas que voejam à sua volta, até o momento em que suas cores frescas ficam murchas, em que seu caule, privado da seiva fortificante que a teria feito viver, se inclina?... Infelizmente, a solidão se faz então à volta dela; o tédio se apodera dela, ela lamenta o passado, chora o presente, teme o futuro. Por quê? Porque tudo nela se dirigia aos olhos, nada ao coração, à razão, ao espírito. Feliz quando esses abandonos não fazem nascer uma amargura que se expande em palavras mordazes, em maus propósitos, até em calúnias, contra as mulheres mais jovens que por sua vez vieram derramar seu brilho efêmero! Feliz quando essa amargura não torna a esposa rabugenta, a mãe com ciúme da filha, com inveja dos elogios que seu filho esbanja à juventude, à beleza que ela não tem mais!

Ah! tornem portanto a mulher *livre* de preconceitos, para ter a mulher *forte* internamente! Construam mães que preparem para o século vindouro homens de bem, e tornem as mulheres boas e sérias!...

A educação na infância é o ponto mais importante da vida, porque a vida depende dela; não entendemos aqui, por educação, as lições que se dão às crianças para exercitar sua

³⁶ “Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupa-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão” (*O livro dos espíritos*, No 822).

“O lar é como se fora um ângulo reto nas linhas do plano da evolução divina. A reta vertical é o sentimento feminino, envolvido nas inspirações criadoras da vida. A reta horizontal é o sentimento masculino, em marcha de realizações no campo do progresso comum. O lar é o sagrado vértice onde homem e mulher se encontram para o entendimento indispensável” (André Luiz - Xavier, Francisco, *Nosso lar*, FEB, 1981, Rio de Janeiro, Cap. 20, p. 111).

³⁷ *Com que fim mais fraca fisicamente do que o homem é a mulher?*

“Para lhe determinar funções especiais. Ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos mais leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor” (*O livro dos espíritos*, No. 819).

³⁸ A fraqueza física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?

“Deus a uns deu a força, para protegerem o fraco e não para o escravizarem” (*O livro dos espíritos*, No 820).

³⁹ “Numa época em que os privilégios, resquícios de outra época e de outros costumes, caem diante do princípio da igualdade de direitos de toda criatura humana, não é de duvidar que os da mulher não tardassem a ser reconhecidos, e que, em futuro próximo, a lei não a tratará mais como menor” (Allan Kardec, RS, FEB, 1867, junho, p. 230).

memória, mas que não trazem nenhum fruto para o moral; entendemos por educação o ensinamento que pega o pequeno ser por assim dizer, no nascimento e que só o deixa quando a vida cessou para a mãe. Não! até nesse momento ela não o abandona, porque as doces lições do coração sobrevivem à morte.

Mãe, assim que você recebeu de Deus a criança que lhe foi confiada, prepare-se para a santa e nobre tarefa que você tem de cumprir; que seu amor seja sem limites, como também sem fraqueza; observe com doce solicitude o desenvolvimento da matéria, que permite o desenvolvimento da inteligência e, com ela, o desenvolvimento das tendências, dos sentimentos, seja bons, seja maus. Nunca diga, para corrigir um erro, por mais leve que seja: *Ele é jovem demais!* O corpo é jovem, mas o espírito não; aja sobre o espírito, levando em consideração os laços que o amarram. A mãe nunca deve entregar-se à impaciência, e ainda menos à cólera; que suas repressões sejam sempre JUSTAS; que sejam proporcionais tanto ao fato quanto à inteligência da criança. Desenvolva seu raciocínio raciocinando com ela; habitue-a a olhar para você, por menor que ela seja, como a amiga, como a conselheira que Deus pôs perto dela para guiá-la. Bloqueie com cuidado, desde o nascimento da criança, os maus instintos que podem desenvolver-se; por mais cuidadosa que você seja, sempre haverá más paixões que você será impotente para combater. Destrua todo o mal que você descobrir nela que ainda restarão muitos.

Que o amor e o reconhecimento para com o Criador sejam os primeiros sentimentos que você desenvolverá no coração de seus filhos; que eles aprendam a orar quando aprenderem a juntar as primeiras palavras; mas que a prece não seja para eles uma fórmula vã que eles repetem apressadamente, seja para se entregarem mais cedo ao sono, seja para ir mais depressa brincar.

Jovens mães, todas vocês, ensinem a oração a seus filhos, mas não como vocês mesmas a fazem: um certo número de frases que se sucedem numa ordem determinada, em horas certas; quanto mais depressa a disserem, mais depressa também o dever será cumprido.

À criança que balbucia basta dizer: *MEU DEUS*, e é preciso fazê-la entender o que é esse Deus de que ela fala; é preciso que ela saiba que foi Deus que a fez criança; que a pôs sobre os joelhos de sua mãe; que fez crescer o fruto vermelho que a tenta; que fez crescer a árvore cuja madeira serviu para esculpir o brinquedo que a diverte; que deu nascimento à ovelha cuja lã tecida cobre seus membros delicados; que forma o grão de trigo na espiga para fornecer a farinha do bolo que lhe dão; que tudo enfim, tudo o que a tenta, tudo o que ela ama lhe vem Daquele que ela chama: *Meu Deus*.

Um pouco mais tarde, seguindo esse princípio, vocês lhe ensinarão a dizer do fundo do coração: *OBRIGADO* Àquele que se mostra tão generoso para com a criancinha e que só lhe pede em retorno a submissão à sua vontade.

Que deve fazer esse querido filho para ser submisso a Deus? Obedecer ao papai, à mamãe, que o bom Deus encarregou de velar por ele e de ensinar-lhe o que ele quer, porque o bom Deus está muito longe da criança; ele é tão grande, tão grande, que o pobre pequeno não poderia atingi-lo; por isso os pais o representam junto à criança: é portanto aos pais que se deve submissão absoluta, em referência sempre à gratidão para com Deus.

Mães, em lugar de vestir seus filhinhos com um luxo que o futuro deles não lhes permitirá, talvez, manter, porque vocês ignoram esse futuro (só Deus o conhece), habituem-nos à simplicidade. Em lugar de fazer brinquedos deles, de se divertirem bancando

personagens que eles tentam imitar de vocês, ajudem-nos a se entregar às brincadeiras de sua idade, que desenvolvem as forças e a direção que vocês lhes derem poderá desenvolver sua inteligência ao invés de adulterá-la. Que suas mãozinhas fraternas se estendam à criança tímida que não ousa aproximar-se, e a levem para a brincadeira de roda ou para a corrida; que seus olhos tão límpidos não fiquem secos diante do sofrimento que os ladeia, e que essa mão de dedos rosados, cujos movimentos o Senhor acompanha, seja conduzida por vocês para depositar a esmola na mão pobre, não a esmola que vocês tiram de sua bolsa, mas a que vem de suas pequenas economias, que lhe imporá uma privação, que vocês lhe ensinarão a olhar como uma alegria. Deus não ensina a dar a quem não tem?

Não ponham a inteligência de seus filhos numa estufa quente. Ela produz mais depressa, é verdade, mas seus frutos não contêm semente; o caule definha, o corpo enfraquece, e quando chega a idade de viver dos produtos do espírito, a fonte está seca; langor e preguiça é tudo o que se colhe. Não afluam tantas questões, mas aprofundem aquelas que tocarem.

Tratamos especialmente aqui da educação da mocinha que deve tornar-se logo a jovem mãe.

É preciso que uma mãe tenha condições de velar pelos esforços de inteligência de seus filhos, a fim de dar-lhes uma boa direção; é preciso que uma mãe tenha condições de guiar seus filhos com seus conselhos, para preservá-los dos escolhos que sua juventude os fará encontrar; é preciso que ela esteja apta a julgar o valor moral da companheira que deve substituí-la junto do filho que se tornará chefe de família.

Será que é ensinando um programa, afluando um pouco, bem pouco, todas as ciências que a mãe poderá seguir os primeiros passos de seu filho? Mas se temos a infelicidade de perguntar-lhe sobre o que ela acredita saber e se a pergunta se distancia da rotina adotada, ela não compreende mais, balbucia e diz: *Esqueci*, ou, o que é pior, se arrisca a responder e se perde em bobajadas.

Será que é tendo por única ocupação, ou quase apenas, seu vestuário, seus prazeres, só sabendo falar de flores, de véus, de rendas, de bailes, de prédicas da moda, de maledicências de comadres que ela vai cativar a juventude do filho, fazê-lo encontrar charme em sua conversa, em seu círculo social? Inspirar-lhe-á confiança em seus conselhos, em sua doce solicitude, essa mãe que o censurar por um deslize de juventude que poderá escandalizar o confessor e que, por seu lado, fará tudo para cativar, apesar da idade, os olhares e as homenagens num salão?

Estará essa mãe apta a escolher a companheira laboriosa, casta, inteligente, que deverá, por sua vez, dar filhos ao seu filho, homens e mulheres? Dizemos *mulheres*, porque a *mulher* não é uma boneca.

Que o estudo da mocinha se baseie portanto em pontos sérios. Que ela faça leituras sobretudo diante dos olhares da mãe, leituras capazes de desenvolver seu coração e sua razão⁴⁰. Que a mãe jogue para longe de si todas essas pusilanimidades medrosas que a

⁴⁰ “A mãe instruída é mais apta para dirigir a instrução e a educação de seus filhos; ao mesmo tempo em que alimenta o corpo, pode desenvolver o coração e o espírito. Sendo a primeira infância necessariamente confiada aos cuidados da mulher, quando esta for instruída a regeneração social terá dado um passo imenso, e é o que será feito” (Comunicação verbal dada na *Sociedade de Paris* pelo médium Sr Morin - RS, FEB, 1867, p. 235).

criança adota cegamente. Para que os homens sejam enérgicos, para que as mulheres sejam fortes, é preciso que não tenham diante de si exemplos de fraqueza irracional.

A moral influi no físico mais talvez que o físico na moral. Fortifiquem pois o espírito da mulher desde a infância, e esses temperamentos linfáticos e nervosos, que fazem com que todas as mocinhas se pareçam com flores curvadas ao vento da tempestade, se tornarão fortes e vigorosos. O espírito, se tiver um alimento sólido, não procurará nutrir-se desses frutos escondidos que trazem um veneno que a gente só percebe quando sua devastação já é grande demais para ser destruída.

O lar é a pátria da mulher; todo o seu amor, todas as suas dedicações devem concentrar-se nele; mas quem diz pátria não diz prisão. Longe de nós portanto a idéia de fazer da família o túmulo da juventude, dos prazeres, das alegrias. Nós queremos destruir nas santas chamas desse lar apenas as idéias fúteis que abastardam a mulher, que a separam dos espíritos sérios e rompem essa união que deve existir entre os espíritos, seja qual for o invólucro de que se revestem.

Essa lição provocará um sorriso de desdém naqueles que só querem ver na mulher um brinquedo próprio para satisfazer seus caprichos, enquanto encontrarem nela juventude, beleza, frescor; brinquedo que se quebra ou que se abandona tão logo passem os caprichos; flor que se joga fora assim que um contato impuro a tenha murchado; escrava que se algema para não se sentir sua força; inteligência que se anula para não se ser dominado. Eles lhe dirão — esses egoístas soberbos que se pavoneiam na superioridade de seu espírito — que a mulher não está apta a seguir a mesma carreira que o homem; que a natureza fez dela um ser fraco para que ela se abrigue sob a força do homem; que ela lhe deu a graça em partilha para que ela reine nos corações, mas não nos povos; que o estudo, a ciência tornam a mulher pedante, insuportável no trato íntimo; que a mãe de família negligenciará os filhos, a tarefa de casa, para arvorar-se em espírito superior; que ela sacrificará as doces alegrias da intimidade conjugal pelos aplausos de um numeroso auditório; finalmente que sua coroa deve ser uma coroa de violetas e não de louros.

Esses raciocínios, por mais enganosos que sejam, não deixam no entanto de ter uma certa razão de ser. Sim, geralmente a mulher que se eleva pelo pensamento acima do seu sexo é deslocada; sua superioridade a surpreende tanto que ela fica atordoada e esmaga os que dela se aproximam⁴¹.

Mas não façam exceção da mulher superior; que esse título que assombra o orgulho masculino caia diante do número de mulheres elevadas ao mesmo grau de inteligência e de ciência; que as mulheres não possam tanto *posar de mulheres sábias* quanto de mulheres ternas e nervosas; a vulgaridade da ciência fará com que percam seu caráter de pedantismo.

⁴¹ “Ora, é para temer, e é o que ocorrerá, que na febre de emancipação que a atormenta, a mulher se julgue apta a preencher todas as atribuições do homem e que, caindo num excesso contrário, depois de ter tido muito pouco, queira ter em demasia. Tal resultado é inevitável. Mas absolutamente não é para assustar. Se as mulheres têm direitos incontestáveis, a Natureza tem os seus, que jamais perde. Em breve elas se cansarão dos papéis que não são os seus. Deixai-as, pois, que reconheçam pela experiência sua insuficiência nas coisas às quais a Providência não as requisitou; ensaios infrutíferos as reconduzirão forçosamente ao caminho que lhes é traçado, caminho que pode e deve ser ampliado, mas que não pode ser desviado sem prejuízo para elas próprias, abalando a influência toda especial que elas devem exercer. Reconhecerão que só terão a perder na troca, porque a mulher de atitudes muito viris jamais terá a graça e o encanto que constituem a força daquela que sabe ficar mulher. Uma mulher que se faz homem abdica de sua verdadeira realeza; olham-na como um fenômeno” (Allan Kardec, RS, FEB, 1867, junho, p. 233).

Observem aqui, caros leitores, que não pleiteamos que a educação da mulher a leve à tribuna; que não pleiteamos nem mesmo que a sina da viúva e do órfão lhe seja confiada se bem que ela tenha com freqüência um espírito mais reto, mais desinteressado que aqueles que os defendem. Não pleiteamos o diploma de doutor para essas graciosas criaturas, cujos cuidados atenciosos, no entanto, à cabeceira do doente, cuja palavra doce, sinceramente convincente ao ouvido do moribundo, seriam mais eficazes que os cuidados egoístas e frios de tantos médicos, de tantos pastores!⁴²

Não! não, mais uma vez, longe de nós fazer com que a mulher saia do seu gineceu⁴³: aí é o seu lugar; aí devem desenvolver-se e exercer-se todas as suas virtudes, todas as suas dedicações; reclamamos apenas uma direção séria para o espírito feminino; queremos que um estudo aprofundado da história dos povos antigos a torne apta a melhor compreender as aspirações dos povos modernos; queremos que ela siga com um olhar atento o progresso do mundo, desde a sua formação até esta época, a fim de fazê-la pressentir os progressos a realizar pelos progressos realizados, e fazê-la sentir melhor seus deveres para com as crianças que ela deve preparar para essa marcha incessante que só para em Deus.

Queremos que ela tenha seriamente suas idéias para o autor de tudo o que é, não para repetir a toda hora determinadas as fórmulas de seu livro de preces; não para visitar, freqüentemente com tédio, sempre com distração, a casa do Eterno, a fim de lá cumprir os atos exigidos pelo rito, só pensando no passeio que deve seguir, no prazer da véspera, no prazer de amanhã.

Queremos que ela estude a história dos cultos pela história dos povos; que ela procure sempre o dedo do Senhor, indicando aos homens a estrada que devem seguir, segundo suas forças, seu desenvolvimento; que ela siga os povos em sua marcha incerta, recusando reconhecer a mão que os guia, mas sempre forçados a avançar contra a vontade em direção ao ponto que os atrai; que ela aprenda a despojar Deus dos véus com que é coberto, para contemplá-lo em sua majestade simples; que ela seja piedosa, em suma, piedosa de coração e não devota, a fim de ensinar a verdadeira piedade aos seus filhos. Que o amor, essa faculdade do coração, se desenvolva na mulher e não se desvie do objetivo que lhe é proposto, desgastando-se em seu caminho sem proveito para ninguém.

A mulher tem o espírito mais impetuoso, mais esperto que o homem⁴⁴; o coração mais terno, mais dedicado. Por que essa diferença, se o espírito é o mesmo? Amigo leitor, não se esqueça de que a caixa contribui muito para a afinação do instrumento que ela encerra; que o sistema nervoso é, por assim dizer, a tabela de harmonia do instrumento humano, e que o espírito não pode mostrar seus sentimentos da mesma maneira que o instrumento não pode mostrar seus sons, a não ser modificados pelo invólucro que o recobre.

Revisto isso, vamos voltar ao nosso assunto.

Queremos que a mulher possa bem cedo compreender o poder do amor, árvore gigantesca cujos ramos se estendem ao infinito: o amor de Deus é o primeiro, o imenso! o amor do filho aos pais e o dos pais pelo filho participam do amor divino; a mulher deve

⁴² “Ela tem concepções mais finas, mais suaves, toques mais delicados que o do homem. Por que a mulher não poderia ser médica?” (Comunicação dada ao Sr Morim – RS, FEB, 1867, junho, p. 235).

⁴³ *Aurélio eletrônico* 3.0: Ant. Parte da habitação grega destinada às mulheres.

⁴⁴ “A mulher é fraca, o homem é forte, concebe-se; mas a mulher é astuciosa e a ciência contra a astúcia nem sempre triunfa” (Comunicação dada pelo Sr Morim – RS, FEB, 1867, junho, p. 234).

pois preparar-se para ensinar o amor dos pais aos filhos, praticando-o ela própria; deve pregar o exemplo da submissão, do respeito, do devotamento.

A moça deve ser advertida, desde tenra idade, a respeito da conexão desses dois amores: suas faculdades afetivas⁴⁵ devem ser desenvolvidas pelo raciocínio, com intenção de gratidão pelos autores da vida presente; dos deveres que teremos de cumprir em relação aos seres a que demos a vida.

O amor da humanidade deve ser sério, pensado; a criança, a moça deve ser habituada a olhar os homens como seus irmãos, todas as criaturas animadas como obras do Senhor cujos destinos na terra são envolvidos de mistérios que o homem não deve ainda aprofundar, mas obras pelas quais o Pai de misericórdia zela com solicitude, como também pelo próprio homem.

Habitue-a, criança, a raciocinar sobre a caridade, a fim de torná-la proveitosa; habitue-a às privações pessoais, fazendo nascer nela o desejo de privar-se de um bolo, de um brinquedo, de um objeto pessoal cujo preço pode consolar o pobre; habitue seus dedinhos a trabalhar pelas criancinhas como ela. Essas bonecas valem bem mais que isso! Não deixe nunca a mão dela bater no animal que lhe desagrada, nem seu pé esmagar o inseto inofensivo que se move diante dela. Lembre-se sempre que Deus está aí e que seu amor se estende tanto sobre a mosca que zumbe em nosso ouvido quanto sobre o orador que tropeja na tribuna⁴⁶.

Ensine-lhe...

Mas aqui devemos, caros leitores, medir nossas palavras; ensinem-lhe o amor conjugal. Sim! desde a infância, habituem a moça a pensar que ela deve partilhar sua vida com um companheiro, um guia, um amigo a quem ela se deverá por inteiro. Façam-na entender desde cedo que esse amor que ela deve ao homem que será seu esposo é uma pérola preciosa, única, que ela não deve lançar ao acaso a quem oferecer mais.

Ensinem à mocinha a pensar no casamento, a fim de que fique menos apressada em mudar de nome e de roupa. Infelizmente, essa é contudo a fonte de quase todos os casamentos! É o abismo em que se enfia o amor conjugal!... Uma prenda nupcial! É ao que mais oferece, ao mais rico que ela se dá, e o sentimento bastardo que nasce da comunidade ousa chamar-se de amor!

Dêem um alimento sério ao espírito da mocinha; façam-na entender a extensão dos deveres que lhe impõe seu título de mulher; mostrem-lhe gerações futuras, que dependem do impulso que ela der à sua posteridade. Mostrem-lhe o homem de sua época, seu companheiro da vida, honesto, probo, homem de família, cidadão, estadista, íntegro, ou então dissipador, velhaco, tanto na transação política quanto na transação particular; que mente aos homens como mente a Deus; que engana seu amigo mais chegado; que abusa da confiança dos seus, se vir nisso algum lucro, conforme se instale em seu lar uma mulher séria, que torna a virtude atraente pelos encantos que ela lhe empresta e que lhe são próprios; que orienta com conselhos afetuosos, pregando com exemplo em todas as circunstâncias a moral que ela prega com os lábios; devota sem rigorismo, instruída sem pedantismo; de bom conselho, sem arrogância, suave de caráter, simples de modos, casta de

⁴⁵ No original: *facultés aimantes*.

⁴⁶ “Adoro-Te, supremo princípio do Todo, em Teu revestimento de matéria, em Tua manifestação de energia; no inexaurível renovar-se de formas sempre novas e sempre belas” (Sua Voz – Ubaldi, Pietro, *A grande síntese*, Instituto Pietro Ubaldi, Campos-RJ, 2001, p. 210).

pensamentos, ou então uma mulher leviana, que só encontra felicidade na despesa, nos sucessos de salão; que sacrifica pela roupa de hoje o pão da velhice, o futuro de seus filhos; que abandona a casa para freqüentar festas, os espetáculos da Igreja ou do mundo; devota exigente, que impõe aos outros o capuz da devoção, mas expulsando esse sentimento do próprio coração; que não tendo nenhum encanto para conservar consigo aquele que só tem para ela o atrativo de ricas vestimentas, o desejo de emancipação, para quem elas com freqüência só foram uma especulação mais ou menos infeliz, semeando assim a discórdia onde deveria florescer o amor.

Não foi em vão que o Mestre disse: *Que o homem não separe o que Deus uniu*. Que vocês encarem o amor conjugal do ponto de vista da sociedade, da religião, da filosofia, vocês devem reconhecer que o laço que une dois seres por toda a vida só deve ser desfeito pela morte⁴⁷. Vamos ver por quais razões, antes de passar às considerações relativas às necessidades da vida conjugal.

Do ponto de vista da sociedade, o homem não pode nem deve separar os que ele uniu, porque ao cabo de algum tempo tais separações trariam uma confusão nos negócios, nos interesses da família, e dariam nascimento a processos sem fim. A lei, em sua previdência, não pode então quebrar o que ela estabeleceu; não deve romper os compromissos que assumiu⁴⁸.

Do ponto de vista religioso, colocamo-nos sob a égide do legislador que nos foi dado, e repetamos com ele: *Que o homem não separe o que Deus uniu*⁴⁹, *porque aquele que tomar por mulher aquela que foi repudiada comete adultério com ela*⁵⁰. E não é igualarem-se vocês à fera, de que vocês se crêem tão distantes, tomar a companheira de sua vida como a fêmea que pode passar de mão em mão, conforme as exigências do momento?

Do ponto de vista moral e filosófico, dizemos ainda: O laço que vocês formaram é indissolúvel, pois é uma prova que vocês aceitaram, ou antes, escolheram. Se vocês desistem de levá-la a cabo, seu benefício estará perdido para vocês; tudo terá de ser refeito⁵¹.

O casamento por muito tempo foi considerado do ponto de vista material. É hora de fazê-lo tomar o lugar que deve ocupar na ordem das idéias sociais; é hora de despojá-lo da brutalidade que o envolve; e que o homem, contraíndo matrimônio, procure nele principalmente o progresso espiritual, a regeneração, deixando em segundo plano as considerações materiais, que são dele, ainda hoje, a única base.

A união do homem e da mulher é a reunião na terra de dois espíritos que têm de seguir juntos uma série de provas que eles devem ajudar-se mutuamente a suportar e levar a

⁴⁷ “Partindo do princípio de que não existem uniões conjugais ao acaso, o divórcio, a rigor, não deve ser facilitado entre as criaturas”.

“É aí, nos laços matrimoniais definidos nas leis do mundo, que se operam burilamentos e reconciliações endereçados à precisa sublimação da alma” (Emmanuel - Xavier, Francisco, *Sexo e vida*, FEB, Rio de Janeiro, 1982, p. 37).

⁴⁸ “O divórcio é a lei humana que tem por objetivo separar legalmente o que já, de fato, está separado” (Kardec, Allan, *O evangelho segundo o espiritismo*, FEB, edição especial, 2004, Rio de Janeiro, p. 424).

⁴⁹ Mt. 19:6; Mc. 10:9. N. T.

⁵⁰ Lc. 16:18; Mt. 5:32 e 19:9. N.T.

⁵¹ “Divórcio, edificação adiada, resto a pagar no balanço do espírito devedor. Isso geralmente porque um dos cônjuges, sócio na firma do casamento, veio a esquecer que os direitos na instituição doméstica somam deveres iguais” (André Luiz - Vieira, Waldo, *Sol nas almas*, Ed. CEC, Uberaba-MG, 1964, p. 38).

bom termo⁵². As condições são muitas vezes bem diferentes, as relações entre encarnados muito infelizes; mas de quem é a culpa? Será do casamento, será da própria instituição, ou então da maneira como ela é interpretada?

Dizendo-lhes: *O homem não separará o que Deus uniu*, ele lhes disse: Deus preside as transações vergonhosas que vocês fazem? Ele une não espíritos desejosos de se ajudar mutuamente, mas traficantes que vendem seu nome ou sua pessoa, calculando os benefícios da associação, contando as vantagens e perdas, e procurando salvar de um possível naufrágio cada um sua parte ou a que ele se atribui.

A mulher é um capital que se possa comercializar? O homem é um pretexto para a emancipação, para despesas fúteis, para a sedução protegida? Eis, no entanto, pobre raça humana, o que a maioria de vocês fazem do casamento! Por isso, quanta concorrência no lar! que afeto, que devotamento vocês vêm nele? Qualquer que seja a classe, o mesmo sentimento aí domina, as mesmas conseqüências daí decorrem: a simpatia não preside a união, é apenas um capricho; por isso, o nascimento do primeiro filho não assegurou a posse do dote da esposa, que o marido abandona no lar, sem encantos para ele, para procurar em outro lugar o que não teve coração de escolher ao se casar. A vida íntima é, então, somente uma engrenagem defeituosa, que só funciona com a ajuda do ouro que lhe esconde os defeitos. Mas se o ouro falta! oh! então, quantas decepções, quantas recriminações, quantas agonias do coração a renovar-se sem cessar! Meus queridos, o que está feito está feito!

Para a maioria de vocês, o matrimônio traz consigo essas tristes conseqüências do sentimento que ele formou, mas é possível ainda para vocês trazer a paz e a felicidade que desertaram do lar. Elas poderão ainda vir estabelecer-se no lar; mas é preciso que vocês as tragam, e para isso, deixem desenvolver em seus corações o pensamento espírita que deve guiar todos os seus atos. Digam:

Contraindo uma união que não era ditada pelos sentimentos puros e elevados que dominam o coração do homem, cometemos um erro; é preciso repará-lo. Cumpramos então os deveres que nos são impostos, não com resignação, mas com zelo; não esqueçamos que temos ambos uma tarefa a cumprir; que se o Senhor permitiu que ficássemos em tais condições, é porque devemos assistir-nos mutuamente para atingir o objetivo comum. Mãos à obra, portanto, com coragem!

Substituam, amigos, a indiferença, algumas vezes o nojo ou o desprezo, pela benevolência; sejam indulgentes, bons conselheiros, ternos e pacientes, facilitando para vocês, mutuamente, as concessões. Unam-se em seus esforços para bem orientar os filhos que lhes são confiados; mostrem-lhes com cuidado os escolhos em que vocês se feriram; ensinem-lhes a evitá-los, e sobretudo a encarar sob seu verdadeiro ponto de vista a ajuda mútua de dois espíritos simpáticos que devem progredir juntos para chegar juntos aos pés do Criador.

Sim, há matrimônios que se contraem sob os auspícios de uma afeição violenta e que logo vêm nascer as desuniões aflitivas⁵³.

⁵² “Divulguemos o princípio da reencarnação e da responsabilidade individual para que os lares formados atendam à missão a que se destinam” (André Luiz - Vieira, Waldo, *Sol nas almas*, Ed. CEC, Uberaba-MG, 1964, p. 38).

⁵³ “[...] alcançam a Pátria Espiritual, na condição de enobrecidos filhos de Deus, as grandes mulheres e os grandes homens, justificadamente considerados grandes, diante da Providência, quando suportam, sem queixa, as infidelidades e as violências do parceiro ou da parceira de reduto doméstico, esquecendo incompreensões e

Amigos, sejam de boa fé. Qual é o sentimento que presidiu essa união? É um sentimento elevado? É o desejo de prosseguir e de atingir juntos o objetivo sagrado proposto a toda criatura, o progresso da alma e sua emancipação? Ou não será antes um abandono aos desejos da humanidade?⁵⁴ ...

Deixamos àqueles que podem compreender o sentido de nossas palavras o cuidado de comentá-las.

A vocês, meus filhos, meus conselhos paternais. Vocês atingiram a idade em que as paixões despertam, em que a imaginação procura levantar seu vôo e, seguindo um impulso rápido demais para sua força, se afasta da rota e se extravia.

Oh! Não se deixem arrastar para essa via fatal da especulação em todas as coisas. Não se deixem atordoar por estas palavras perigosas de tanto que se tornaram elásticas: *É preciso que a juventude passe*. Seus corpos são jovens, mas seus espíritos têm séculos de existência. Submetam portanto a carne ao império da razão; que ela seja somente um meio de se aperfeiçoar o espírito; que ela o sirva como escravo submisso e nunca como senhor, nunca como tirano.

Unam-se sob os olhos do Senhor na modéstia e na simplicidade, e se está entre suas provas fazer uma escolha de que vocês acreditam dever arrepender-se, não esqueçam, caros filhos espíritas, que vocês têm então um espírito do Senhor a levar para o bom caminho, uma educação moral a dar e dediquem a isso toda a sua inteligência, todo o seu coração.

Mas vocês não terão que temer esse escolha se, animados com os mesmos pensamentos, com os mesmos sentimentos, partilhando as mesmas crenças, vocês procurarem, de um lado e de outro, cumprir santamente diante de Deus as obrigações sagradas que lhes são impostas.

Homens, vocês devem ser previdentes, ternos, fiéis; mulheres, sejam submissas, castas, simples e a discórdia jamais virá estabelecer-se em seu lar.

Que o homem não separe o que Deus uniu.

ÉTIENNE

ultrajes recebidos, por amor às tarefas que os Desígnios do Senhor lhes colocaram nos corações e nas mãos, seja no amparo moral à família consanguínea ou na sustentação das boas obras. Os que possuem semelhante comportamento dignificam todos os grupos espirituais a que se entrosam e venham dessa ou daquela religião, desse ou daquele clima do mundo, são acolhidos sob galardões de heróis verdadeiros, por haverem abraçado sem revolta os que lhes espancavam a alma, sem repelir-lhes a afeição e a presença” (André Luiz – Xavier, Francisco e Vieira, Waldo, *Sexo e destino*, FEB, Rio de Janeiro, 1975, p. 282).

⁵⁴ “Compelidos, muita vez, às últimas fronteiras da resistência, é natural que o esposo ou a esposa, relegado a sofrimento indébito, se valha do divórcio por medida extrema contra o suicídio, o homicídio ou calamidades outras que lhes complicariam ainda mais o destino” (Emmanuel - Xavier, Francisco, *Sexo e vida*, FEB, Rio de Janeiro, 1982, p. 38).

II PARTE

O CORPO E O ESPÍRITO

MÉDIUM J.C.A.R.

O CORPO E O ESPÍRITO⁵⁵

Morfeu mergulhara no sono os meus sentidos;
Meu espírito, livre desse pesado aparelho,
Quis emancipar-se e vagar no espaço,
Abandonando o corpo como um soldado o posto.
Semelhante ao prisioneiro que geme nos grilhões,
Ele quis, livre enfim, elevar-se nos ares.
Era uma lembrança, um capricho, um mistério
Que levava meu espírito a deixar a terra?
Eu não saberia dizê-lo, e até ele, de regresso,
A essa pergunta responde com evasiva.
Mas logo compreendi o motivo de sua astúcia
E zanguei-me muito, já que não gosto que me enganem.
“Pelo menos, diga-me, caprichoso Espírito,
“O que viu você nessa viagem aos céus?
“— Para agradar-te, devo dizer-te alguma coisa;
“De outra forma, o carcereiro, com seu humor sombrio,
“Faria algum discurso brutal ao prisioneiro
“E o pobre cativo ficaria em pior situação!...
“Fica, pois, sabendo... — Espere. É algo histórico
“Que você me vai contar? — Oh, claro! podes crer.
“Fica, pois, sabendo que antigamente, no mundo dos Espíritos
“Deixei parentes e um bom número de amigos:
“Eu queria revê-los: porque o exílio na terra
“Não foi feito, acredita, para divertir ou agradar!
“Aproveitando-me do sono que te prendia ao leito,
“Nele deixei meu corpo e logo, *como espírito apenas*,
“Transpus os graus que separam os mundos,
“Fazendo esse longo trajeto em menos de dois segundos.
“Tinha de apressar-me, porque o menor atraso
“Poderia comprometer-te. Infelizmente, se por acaso
“Me distraísse em minha longínqua trajetória,
“Na volta, vê bem, era uma certeza,
“Eu encontraria um cadáver no lugar de um corpo.
“Quis evitar para mim semelhante remorso.
“Eu sabia que, ficando, cometeria um crime,
“Só Deus deve quebrar nossa íntima união.
“— Obrigado pela lembrança, caro Espírito diligente;
“Não é menos verdade que eu estaria morto
“Se o menor atraso... Ah! Palavra de corpo honesto,
“Sinto erguerem-se em minha cabeça todos os meus cabelos!
“Agora que sei que você pode ir embora

⁵⁵ Espírito não identificado na brochura e no periódico, *Le sauveur des peuples*, de Bordeaux onde inicialmente foi publicado.

“E deixar seu corpo sem nunca mais voltar,
“Prometo-lhe respeito, estima e paciência.
“Sim, doravante, terei por você a deferência
“Que um súdito, por seu rei, deve ter no coração;
“Porque, se você me deixasse, veja que infelicidade:
“Ainda sou jovem e faço questão de viver!
“Não que a vida seja sempre digna de ser desejada.
“Mas quando não se sabe o que se vai ter lá em cima
“Deixar a terra tarde vale bem mais que deixá-la cedo demais.
“Agora, diga-me o objetivo dessa viagem;
“Em seguir seus conselhos, mostrar-me-ei ajuizado.
“De você mesmo, hoje, eu gostaria de saber
“O que no mundo etéreo você foi ver...
“— Já te disse. Lá deixei irmãos,
“Amigos, parentes, pais e mães:
“Queria revê-los e conhecer seu destino;
“Porque nem tudo como se crê, acaba com a morte!
“A vida é uma cruz; é uma dura provação
“Que torna melhor o espírito, na qual ele se depura.
“É preciso viver muitas vezes, muitas vezes ser mortal,
“Para merecer de Deus ser finalmente imortal!...
“Vi, pois, meus amigos, meus pais e meus irmãos,
“E recebi de cada um sinceros carinhos;
“Depois, querendo esclarecer-me sobre os males diversos
“Que sofrem os Espíritos culpados, imorais,
“Fui de um mundo a outro, e vi lá coisas...
“— Continue, por favor, e sem fazer charminho:
“Escuto com prazer esse curioso relato
“E queria saber tudo. Acabe, caro Espírito.
“O que você viu?... — Vi muitos culpados
“Que sofrem sem trégua males incalculáveis...
“— O primeiro que vi foi o PRESUNÇOSO,
“Que, por vinte vezes, repeliu com desdém
“Os avisos, os conselhos que seus amigos sinceros
“Lhe davam para o seu bem, como se faz entre irmãos.
“Vi-o sombrio e triste, errando sozinho, isolado,
“Querendo um amigo... não o encontrando em lugar algum!
“Em vão ia ele, procurando progressivamente
“Um alívio; todos fugiam à sua aproximação.
“Ninguém quer escutá-lo, amá-lo, socorrê-lo;
“É por seu próprio mal que Deus o faz sofrer.
“Quando ele estava na terra, não ouvia ninguém:
“No mundo dos Espíritos, cada Espírito o abandona!...
“— Vi o LIBERTINO, lascivo, licencioso,
“Rindo do pudor e zombando dos céus!...

“Ele acreditava firmemente que tudo estava na terra.
“Por isso, desse jeito, não fazendo mistério
“Dessas mil belezas que ele conspurcava para sempre
“Com suas lubricidades... com seus amores sujos;
“Ele não podia nunca, em sua raiva brutal,
“Encontrar um basta, e a ladeira fatal
“Derrubou-o, jovem ainda, no fundo do seu túmulo!
“Agora ele geme nesse mundo novo;
“E Deus, para puni-lo por sua culpada vida,
“Devolve-lhe a paixão de que ele se saciou demasiado...
“Por momentos, parece-lhe ter sempre o seu corpo;
“Seus sentidos estão agitados por furiosos transportes.
“Ele vê à sua volta mulheres encantadoras
“De olhares lânguidos, de formas sedutoras...
“Ele tenta apalpá-las... Mas essas sombras fogem
“Como se esfuma um sonho amoroso ao despertar.
“Depois, finalmente, ele compreende, geme, grita e chora;
“Mas Deus ainda não soou a hora do repouso;
“Ele revê de novo esses fantasmas amados;
“Com sua mão, toca-os... julga-os animados;
“E quando seus braços crispados envolvem a cintura deles,
“Esses fantasmas queridos desaparecem e desabam.
“E tem-se de recomeçar!... Esse suplicio te é devido,
“A ti que negavas teu Deus, tua alma e a virtude!...
“— Depois eu vi o EGOÍSTA... É o mesmo, lá em cima.
“Ele odeia todos os Espíritos... mas em contrapartida se ama a si mesmo.
“Queixa-se em voz alta que outros são felizes,
“Enquanto ele, que nada fez, lá está tão infeliz.
“Amaldiçoa o Senhor, injusto em sua cólera,
“Que lhe dá uma parte pesada demais e amarga demais;
“Ele vê Espíritos que não mereceram
“Mais que ele o repouso e a tranquilidade...
“Ele queria para si só uma doce existência.
“Ah! que importa ao seu coração o sofrimento dos outros!!!...
“Por isso, para puni-lo, Deus o pôs nos lugares
“Em que a felicidade alheia o torna mais infeliz.
“Egoísta e invejoso, o menor de seus tormentos
“É ver uma felicidade que não poderia atingir.
“— Também vi o AVARENTO de dedos secos e ganchosos,
“Procurando seu ouro por toda parte e não o achando mais.
“Quem está aí?... urra ele a todo Espírito que passa;
“E, com seu braço nervoso, o segura, o derruba:
“Você me tomou meu ouro?... Depressa, devolva-mo.
“Ou vou levá-lo ao procurador do Rei!...
“Ele só faz gemer... mas tudo o que ele lamenta

“É de não ter mais sua queridíssima bolsa...
“Ele não se acredita morto!... Procura os ladrões
“Que pegaram seu dinheiro, única razão de seu pranto...
“Depois que ele chorou muito sua bolsa ausente,
“Deus quis que, por momentos, ela aparecesse...
“É aí então que é preciso ver esse Espírito miserável,
“Que há pouco chorava e que agora ri,
“Mergulhar e tornar a mergulhar a mão seca e lívida
“No fundo do cofre forte que num instante ele esvazia...
“Depois ele conta suas bolsas, seus maços de notas e seu ouro,
“Põe-nos no cofre e torna a contá-los de novo!
“Quando está certo de que nem um tostão falta,
“De que tem todo o seu ouro e as notas,
“Então, pertinho dele, alguns homens mascarados
“Se insinuam lentamente sem serem notados,
“Se apoderam do velho que se debate e luta
“E que, longe dos ladrões, vai rolar na queda...
“Para ele, cruel momento! Ele vê os malfeitores,
“Carregados com seu cofre, transportar-se para outro lugar!
“Ele se torce, geme; queria persegui-los,
“Mas seus passos cambaleantes são os passos de um homem bêbado;
“Ele grita com força, estende para eles a mão...
“Os ladrões se foram... para voltar amanhã!
“— Sim, amanhã... todos os dias, tu verás de novo, ininterruptamente,
“Esse ouro que tanto adoras, filho da tua ternura;
“Mas também verás esses mesmos malfeitores
“Virem pegar teu ouro e rirem do teu pranto!!!
“Esse suplício incessante, essas visões estranhas,
“Acontecerão, fica certo disso, até que tu mudes...
“— Eu vi o PREGUIÇOSO, deitado molemente
“Sobre travesseiros fictícios, dormir indolentemente.
“Mas logo a voz do anjo que o guarda
“Ressoa nos ares, o ameaça e o desperta.
“Vamos, chega de dormir!... O trabalho é teu prêmio!
“Primeiro, leva lá para baixo esse enorme fardo;
“E depois, para te punir, semelhante às Danaides,
“Vais encher os vazios tonéis sem fundo!
“— Ah! Deixe-me dormir!... Estou já muito cansado!
“Anda logo, preguiçoso, e não respondas!
“Que fizeste de tuas mãos, de tua inteligência,
“No mundo em que teu Deus te pôs de preferência
“Para te aperfeiçoares e adquirires
“As sólidas virtudes que se devem conquistar?
“Preferiste sempre uma moleza indigna,
“E encontre a felicidade em tua preguiça covarde;

“Em vez de progredir, teu espírito entorpecido
“Volta para cá do mesmo jeito e não menos embotado!...
“Mas vais expiar tantos dias inúteis,
“Tantos momentos perdidos, tantas existências fúteis!...
“Ao trabalho incessante eis-te condenado!...
“Dependerá de ti seres um dia perdoado!...
“— Depois do Preguiçoso, vi a CALÚNIA
“Lançar sobre a virtude seu veneno de infâmia.
“Seu lábio é trêmulo, e seu olhar suspeito
“Procura por toda parte corações para neles mergulhar seu dardo!
“Infelizes de vós, mortais, que passais por sua boca!
“Sua língua de serpente suja o que toca;
“Sua baba deletéria iria até ao Senhor,
“Se a infâmia pudesse lançá-la sem temor!!!
“Ah! pagarás bem caro esse vício abominável!
“Tua língua de víbora para sempre temível
“Vai colar-se logo ao teu palato maldito,
“Quererás, mas em vão, caluniar de novo,
“Tua garganta seca não será mais sonora!...
“E Deus não permitirá que te devolvam a voz
“A não ser que, pelo teu passado, teu coração chorar cem vezes!!!
“— Vi a GULODICE de lábios anelantes,
“Sorvendo por todos os lados os odores suculentos!
“Pedindo aos gritos que sirvam quente e rápido,
“Visto que ela tem fome e quer jantar logo!!!
“Então diante dela se ergue uma bela mesa!
“Todos esses pratos cheirosos que seu olhar acaricia
“Ela os vai comer!! Festim de Baltazar!...
“Servido no momento próprio... nem cedo demais, nem tarde demais!!
“Mas assim que sua mão avança em direção a esses pratos fumegantes,
“A mesa rola e foge para uma certa distância.
“No entanto é preciso comer! Seus dedos puderam pegar
“Um enorme patê que deleitava o seu desejo.
“O patê em suas mãos derreteu-se como gelo
“E seu olho estupefato procura em vão seu rasto.
“Finalmente, pela necessidade, seu apetite apressado
“Se lança sobre um pão colocado perto dela.
“Pelo menos vou comer! — diz ela em seu delírio.
“E mordendo nesse pão... cai na gargalhada!
“Um único instante bastou para que ela absorvesse
“Esse pão que com dificuldade ela havia surripiado!...
“Mas, suplício merecido!!..., esse pão não tem substância,
“E longe de acalmá-la aumenta seu sofrimento.
“É assim que é punido o guloso sensual:
“A fome que o devora é um tormento cruel!

“— Agora, queres do HIPÓCRITA ímpio
“Conhecer os tormentos dos erros que expia?...
“— Fale, meu caro Espírito, eu o quero de todo coração,
“Seus quadros são chocantes... e eu estremeço de medo!...
“— Pois bem! Aos olhos de Deus o hipócrita é infame!
“Sob a aparência santa, esse ser não tem alma...
“Ao vê-lo, dir-se-ia que é um santo mortal;
“Ele profana seu Deus, sua crença e o altar!
“Curvado sobre os joelhos, sua testa toca o chão;
“Pensa-se que é virtuoso!... Chamam-no de meu Pai!
“Cada um ao vê-lo se inclina em seu caminho,
“E orgulhoso fica aquele que pode tocar-lhe a mão!
“Ele é mimado em toda parte... Todos querem, o santo homem,
“Como hóspede em casa!... Ninguém sabe verdadeiramente
“Como reconhecer tão grande honra!
“O senhor quer cear?... Quer dinheiro?
“Ah! não se incomode!... É do fundo da alma!
“Confio-lhe, amigo, minha excelente mulher;
“Quero que todos os meus escutem seus conselhos:
“Ninguém nunca saberia dar conselhos iguais...
“— Estou confuso... responde o devoto hipócrita;
“Você exagera meu fraquíssimo mérito...
“Não tenho precisão de nada... mas sua oferta de dinheiro
“Se eu dela alguma vez fizesse uso, seria para o indigente;
“Não aceitamos nunca senão para dar esmola,
“E Deus abençoa sempre o cristão que no-la dá.
“Já que você insiste, aceito de coração
“Levar Madame para o amor do Senhor!
“Pudesse eu com meu zelo e meu mérito insigne
“De tão grande felicidade mostrar-me sempre digno!
“Creia, meu caro amigo, que só tenho um objetivo:
“A felicidade de Madame... e sobretudo sua salvação!
“— Dos pecadores culpados... eis o mais culpado
“Hipócrita descarado!... tu não és perdoável!
“Recebido sob esse teto... não levaste TUDO?
“Não só a honra da mulher mas também o dinheiro do marido!!
“Impostor corrompido... Logo vais aparecer
“Diante de Deus, teu Senhor e teu Soberano mestre!
“Não podes enganá-lo!... e tua máscara de devoto
“Diante do santo juiz vai logo cair!!
“O pecador, seja quem for, é menos imperdoável
“Quando vem a Deus com seu verdadeiro aspecto.
“És lobo? Continua lobo... mas não te finjas de cordeiro,
“Se deste animal só tomaste a pele.
“Ah! eu vi sofrer esse culpado hipócrita!

“Sua vergonha em riscos de fogo está escrita em sua testa!!
“Deus, para melhor puni-lo, em sua justa fúria,
“Condena-o a permanecer constantemente de joelhos.
“Ele não pode erguer-se; seus pés estão deitados no chão
“Forçam-no a arrastar-se como faz a víbora!!
“Os ossos de seus joelhos feridos pela caminhada
“Deixam sobre o cascalho manchas avermelhadas!!
“Suas mãos, como na igreja, eternamente juntas
“Por sua vontade, agora não serão mais separadas,
“Porque Deus, para puni-lo, com as unhas crescidas,
“Reuniu num só seus punhos atravessados;
“Recurvado no chão, ele deve rezar sem cessar,
“Não como antigamente ele fazia na missa...
“De que lhe serviria ser ainda impostor?
“Não sabe ele que Deus lê no fundo do seu coração?!!
“Esperemos no entanto que essa alma sofredora,
“Abjurando seus erros, se tornará arrependida,
“E que o Deus do amor, para regenerá-la,
“Fará que se encarne novamente num corpo!!!
“— Depois do falso devoto, vi o negro SUICIDA,
“Esse espírito criminoso homicida de si mesmo.
“O quanto foi ele culpado ao abreviar seus dias
“Que lhe foram contados para completar seu curso!...
“Ah como vais sofrer, pobre espírito sem crença;
“Quanto chorarás esse instante de demência!
“Já vejo teu corpo horrível, ensangüentado,
“Seguir-te cambaleante ou plantado diante de ti.
“Ele te diz: Aqui estou! Olha, miserável!
“Meu crânio está esmigalhado! Estou irreconhecível;
“Mas tu conheces bem esses farrapos nojentos
“Que tua mão sacrílega tornou sangrentos!...
“Seguir-te-ei por toda parte; amarro-me aos teus passos
“Como a hera ao olmeiro, como o machado ao criminoso.
“Sentirás em ti fluir meu sangue aos borbotões
“E diante de minha feiúra não poderás recuar!
“Teus dois pés no chão grudados pelo terror
“Te forçarão a ver meu rosto assustador!
“Sentirás o frio do cadáver gelado
“Que tua mão assassina no caixão colocou!
“Quererás estancar o sangue das minhas feridas,
“Mas esse sangue em tuas mãos deixará suas manchas.
“Finalmente, tu me verás sem cessar junto de ti,
“E não te deixarei senão quando a santa Fé
“Tiver, pelo remorso, regenerado tua alma
“No fogo purificador de sua celeste chama!...

“— Depois do Suicida, encontrei o ASSASSINO,
“Monstro abominado pelo céu, coberto de sangue humano.
“Aquele que se destrói é um grande culpado,
“Mas nada ao assassino é realmente comparável!
“O suicida só tirou a própria vida, afinal...
“Mas o assassino selvagem com seu braço, em toda parte,
“Ceifou sem piedade muitas e muitas vidas!
“Ah! para ele todos os males e todos os sofrimentos!
“Ei-lo! Olhem, é o tigre a despertar!
“Já viram alguma vez um rosto semelhante?...
“Ah! não o temam mais... É Deus, é Deus que o prende.
“Ele até que pode perseguir vocês com seu ódio,
“Mas o punhal não é mais temível em sua mão:
“Seus crimes acabaram... seu castigo é certo!...
“— Ah! Aí estás, maldito, grita-lhe uma vítima...
“Olha pois este sangue! Reconheces o teu crime?
“Em meu seio mergulhas, para me tomares um pouco de ouro,
“Esse punhal que em tua mão vejo ainda quente!
“— E a mim tu conheces, criminoso temível?
“Meu crânio está quebrado pelo golpe formidável
“Que, durante meu sono, me desfechaste subitamente.
“Por toda parte te seguirei... Assassino!... Assassino!...
“— E a mim, tua mulher, não poderias desconhecer!...
“Monstro em forma humana que nunca teve alma!
“Que foi que te fiz, tranqüila na minha casa,
“Quando tua mão culpada me envenenou?
“E os teus filhos, que logo me seguiram?
“Por tuas mãos malditas eles também pereceram.
“Ei-los ambos aqui... Diz! tu nos reconheces?
“Infame, sê maldito!!!... O carrasco te venceu.
“— E a nós, tu nos conheces?... — Meu Deus, quantas vítimas!
“Todas aí estão para lhe falar de seus crimes...
“À volta do miserável elas se reúnem,
“E dançam sob seus olhares um rondó infernal.
“O sangue jorra em torrentes e por longos jatos se lança
“Contra esse monstro indomado que para elas avança.
“— Pois bem! Que querem vocês? que me fazem queixas?
“É em vão que vocês procuram pranto nos meus olhos.
“Dancem, gritem, chorem! Façam-se conhecer todas;
“Quanto mais numerosas vocês forem, mais quero me refestelar
“Dos golpes que dei e dos males que causei!
“A glória está na medida do número de malvadezas!...

.....
“Ah! criminoso profundo! Alma cem vezes atroz,

“Só Deus poderá dobrar tua natureza feroz!
“Ainda mais alguns dias e não rirás mais
“Dos cadáveres ensangüentados que te apareceram;
“Não insultarás mais tuas numerosas vítimas,
“E por muito tempo chorarás por teus horríveis crimes!...
“— Pare, caro Espírito, não agüento mais isso;
“Esses quadros são fortes demais e sinto-me estremecer.
“— Tremi como tu ao ver todos esses culpados;
“Mas também chorei por tantos miseráveis!
“Meu coração não agüentava mais; voei para longe deles
“E fui visitar o mundo dos felizes...
“Quanta necessidade eu tinha de reaquecer minha alma
“Nessa lareira sagrada cuja chama senti!...
“Como traduzir aqui, em linguagem humana,
“A felicidade dos eleitos nessa estada divina?
“Esses espíritos radiosos resplandecem e brilham
“Bem mais que cintilam as estrelas do firmamento.
“A que compará-los? Não há nada igual
“No mundo onde vives... nem mesmo teu sol.
“Ah! Se às vezes o Criador é severo,
“Ele é sempre justo, e sua santa cólera
“Só fere oportunamente. Quando sentimos sua mão
“É porque deixamos o caminho da virtude.
“Ele quer levar-nos ao objetivo que ele se propõe;
“E deixa entrevê-lo, mas nunca o impõe.
“Feliz o Espírito submisso que não tropeça
“Nos espinhos do caminho que ele encontra sob seus passos.
“Mas voltemos ao céu onde reina a harmonia
“Onde se vê o Eterno em sua glória infinita,
“Onde todos os corações são puros e cheios de CARIDADE,
“Ardendo do amor sagrado da FRATERNIDADE.
“De Deus ainda ouço celebrar louvores
“Pelos seus Espíritos abençoados que ele chama de seus Anjos;
“Ouço sempre essas vozes de acordes sublimes
“Misturarem-se nos ares em transportes divinos.
“Concerto delicioso, desconhecido na terra,
“Ó doce melodia, marca de mistério,
“Para te pintar, seriam precisos tons celestes;
“Mas na linguagem humana as palavras são impotentes!

.....
“— Como é bela, caro Espírito, a estada de além-túmulo!
“Mas infeliz daquele que em sua rota cai!
“Eu queria muito ver você entre os felizes,
“E não me queixarei mais quando você for para o céu!

I - APÊNDICE

O RIO DA VIDA⁵⁶

Dancem, corram na pradaria,
Jovens crianças de cabelos louros;
Pisem a relva florida,
E ornem com suas flores as suas fronte!

A vida é uma corrida
Que nos leva sempre,
Como a água da fonte
Que deve seguir seu curso.

No início, a onda é pura
Enquanto é um regato
Que canta e que murmura
Como o pássaro na primavera;

Ao tornar-se riacho
Ela traz frequentemente
Consigo a miséria,
O vício, a aflição, o tormento!

Depois a onda se torna rio
Ou lago majestoso.
É a hora da prova,
Adeus, dias felizes!

Finalmente, o próprio rio
Se perde no Oceano:
É o momento supremo...
Esperança... ou o nada!

É-nos preciso desaparecer
No abismo sem fim,
Para começar talvez
De novo o caminho!...

.....
.....

Dancem, corram na pradaria,

⁵⁶ Este belo e significativo poema consta do original francês, sem a identificação do médium e do Espírito comunicante. Porém, o nome do médium, Sr J.C.A.R. é identificado no periódico espírita, *Le sauveur des peuples*, de Bordeaux, onde, previamente, foi publicado. Como este poema não consta no título original da brochura optamos por reproduzi-lo num apêndice.

Jovens crianças de cabelos louros!
Pisem a relva florida,
Riam, cantem, sejam felizes!⁵⁷

⁵⁷ OBSERVAÇÃO: O itálico e o VERSAL são do texto original.[N.T.]

II APÊNDICE

JEAN, dito BAHUTIER PROJETO EDUCACIONAL

Na Introdução informamos que o projeto de uma escola para meninas e cursos profissionalizantes para mulheres tinha o apoio da Espiritualidade, em especial do Espírito Jean, dito *Bahutier*⁵⁸, que cuidava da obra de forma imediata, inclusive ditando mensagens de apoio e esclarecimento.

No nosso livro *Jean Baptiste Roustaing – Apóstolo do Espiritismo* (pp. 510-12) transcrevemos duas mensagens deste Espírito de escol, originalmente publicadas na *Revue spirite* (1872, pp. 212-14). Nelas ele conta um pouco de sua biografia espiritual, de luta e dores, para *fazer crescer o desenvolvimento da instrução*. Primeiramente, numa existência passada, onde *podia espalhar luz*, empregou todos os recursos de sua inteligência para *engrossar as trevas*; depois – continua ele -,

[...] para expiar, tive de recomeçar num meio refratário aos instintos e às necessidades da minha alma.

Assim, recomeça uma nova existência, cerca de duzentos anos antes de ditar estas mensagens (± 1670), plena de *desejos de saber e sede de aprender*. Como *homem do campo* onde gozava as bênçãos da natureza, teve de amargar a *maior parte da sua vida numa cidade*, onde se sentia *sufocado*. Migrou do campo e foi exercer sua *modesta profissão de bahutier* na cidade, onde sonhava poder se expandir em todos os aspectos. Porém, dada a contabilidade kármica que o denunciava, exigindo reparto urgente, e a inclemência da vida corrida e fria das cidades, ele não conseguia lograr seu intento:

A ignorância e a rotina entravavam meus menores ensaios para delas sair.

Depois dessa existência de tanto sofrimento, iluminado pelas luzes novas da compreensão e da importância do saber, que desenvolve a consciência e liberta da escravidão intelectual e moral, o Espírito Jean passa a secundar esforços na área da educação básica, *de forma a evitar este sofrimento para outros Espíritos*. Chega mesmo a instruir;

É tempo de concentrar todos os vossos esforços no sentido da instrução popular, esta fonte de paz e de prosperidade que somente os cegos voluntários negam e repelem.

É tempo de formar uma vasta associação destinada a malquerença, a suprir o atraso do Estado e a fazer marchar para frente, a inteligência, a razão, a fé, a moral⁵⁹.

É assim que o Espírito Jean assume a missão superior de orientar os esforços da Sra Collignon na implantação de sua *Ouvroir-École*, mesmo se nem sempre ela pudesse ser bem-

⁵⁸ *Bahutier*: produtor de cofre, baú, malas, armários rústicos, etc.

⁵⁹ Um grande exemplo de sucesso, inclusive nos dias de hoje, deste tipo de *associação* idealizada por Jean, dito Bahutier, temos na *Ligue de l'enseignement en France*.

sucedida, como ele mesmo já lhe adiantara. Tal era seu compromisso espiritual que chegava a dizer a médium:

Não te admires de reencontrar meu nome todas as vezes que fores impelida na vida da instrução popular; é obra para mim mesmo. Não sabes o que seja o terrível suplício de morrer à mingua de conhecimento: este suplício tenho de padecer.

E incentivava a Sra Collignon a *não hesitar* e a *não ter nenhum medo*, nem a *desencorajar* frente ao *riso dos zombadores*:

Quando o pensamento for bom, eu te sustentarei; quando te sentires insuficiente, eu te inspirarei. Esforça-te para fazer crescer, em tua esfera, o desenvolvimento da instrução: fala, em teu meio, sem cessar e sempre, da necessidade da instrução; não há pequenos esforços na grande obra da renovação: são átomos aglomerados que produzem os mundos.

Neste mesmo artigo da *Revue Sprite*, Émilie Collignon destaca, numa nota de rodapé, a seguinte observação:

A primeira vez que este Espírito se manifestou foi numa reunião composta quase inteiramente de aldeões. Ele se apresentava todas as vezes que eu ali ia. Jean Bahutier se manifestou imediatamente após uma evocação dirigida aos Espíritos superiores.

Esta nota levou-nos, em nosso livro acima citado (p. 511), a sugerir, de forma bem fundamentada, o lugar destas reuniões no campo, para aldeões: o *Grupo Roustaing*, na Quinta *au Tribus*, em Arbis, cantão de Targon, à cerca de 45 km ao sul de Bordeaux. Quem dá a primeira grande dica é o Sr Lefraise, quando num artigo informa sobre este *Grupo* dirigido por Jean Baptiste Roustaing:

Em geral, essas reuniões são compostas de pessoas que habitam o campo, honestos agricultores ou artesãos (*Sauveur*, 11 de setembro de 1864, p. 4).

Esta pesquisa também localizou outras duas interessantíssimas mensagens ditadas por Jean, dito Bahutier, através da Sra Émilie Collignon, *aos cultivadores (aux cultivateurs)* do campo. Nelas, ele ensina atencioso com a modernidade dos nossos tempos, sobre o amor à mãe terra, os cuidados com as bênçãos da produção, a orientação dos pais na educação de seus filhos, o trato especial para com os empregados, o perigo da exageração migratória, a ecologia como desenvolvimento sustentável, o carinho e o respeito pelos animais domésticos e também aos que servem como instrumento para favorecer a produção, e muito mais.

O resgate destas mensagens permite um mergulho na psicofera dos aldeões das terras de Arbis e suas vizinhanças, nos tempos do apostolado espírita de J.-B. Roustaing.

Vamos transcrevê-las na íntegra:

AOS CULTIVADORES

Não abandonai vossa mãe!

Amigos, nos dirigimos hoje especialmente aos que, entre vós, estão condenados⁶⁰ aos rudes trabalhos nos campos.

É duro o pão que vós comeis e amargo é o suor de vossas frentes⁶¹; mas nobre é a vossa tarefa e nada lhes será mais gratificante.

Crianças, não abandonai vossa mãe, ela vos alimenta e alimenta vossos irmãos; ela atende àquele que lhe solicita; ela restitui o cêntuplo àquele que algo lhe dá. Não abandonai vossa mãe, pois em seu seio encontrais a vida; a vida da alma como a vida do corpo.

Meus bem-amados, nunca aconteceu a vós refletir, ao abrir um sulco na terra, sobre a grandeza deste Deus que coloca no pequeno grão a vós confiado a vida das populações que aguardam o fruto de vossos labores? Vocês, trabalhadores laboriosos, nunca refletiram ao longo de vossas existências que a vida escoia entre o Céu que vós desejam e a terra da qual vocês abandonam? Símbolo de vosso destino, corpos materiais provenientes do solo, devendo retornar ao solo, mantenhais esta fonte de vida que vos permitirá, no momento adequado, livres das necessidades materiais, elevar-se em direção ao Céu que resplandece acima de vossas cabeças.

Não abandonai jamais vossa mãe, pois o trabalho nos campos purifica e o trabalho nas cidades gangrena!

Vede vossos filhos, enviados para os populosos centros urbanos, eles rapidamente esquecem os exemplos de conduta, de sobriedade que vocês lhes deram. Levados pela corrupção das massas, eles desprezam esta terra que alimentou vossa família, esta família que cultivava a terra, e se tornam, na maioria, filhos ingratos ou vaidosos inúteis.

Vede vossas filhas, abandonadas aos vícios tão abundantes, incapazes de se defenderem, privadas dos conselhos maternos, entregues à vida fácil da cidade, elas se deixam levar e, na maioria das vezes, também sucumbem aos maus exemplos, aos maus conselhos! Oh! Não abandonai, não abandonai vossa mãe! Cultivai com perseverança o solo que a vós é confiado; mantenhais vossos filhos e filhas contra o desprezo ao solo que os empurra para as cidades; lembrai-vos, amigos, que se vocês são forçados a trabalhos pesados, é que talvez, em existência anterior, vocês a eles negligenciaram, e que talvez vocês, como vossos filhos e vossas filhas, também abandonaram esta terra que devia produzir por vossas laboriosas mãos e que sucumbiram em decorrência das tentações das cidades.

Amigos, é um cultivador como vocês, um Espírito amigo dos trabalhadores, amigo dos campos, agradecido a Deus, que vos repete: Não abandonai vossa mãe!

Jean BAHUTIER

Nós vos convidamos, meus amigos, a meditar e compreender nossas palavras. Não vos orientamos para recusar a vossos filhos e vossas filhas os recursos da inteligência, a educação que desenvolve o espírito e lhe facilita o progresso; mas vos afirmamos: orientai

⁶⁰ O livro dos espíritos ensina que o trabalho se impõe ao homem por ser expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência (ver a resposta à pergunta No. 676).

⁶¹ Gênesis 3: 19.

sabiamente vossos filhos na via que eles devem seguir. Não sejais os primeiros a dizer, como a maioria procede: este trabalho é muito rude, ele não o realizará. Ele irá para a cidade, ele estudará, ele mudará de posição. Eu o farei rico, ele se fará sábio! Que vossos filhos estudem; que cada um de vós, de acordo com seus meios, desenvolva a inteligência de seus filhos, mas não os desviái do verdadeiro caminho que eles devem seguir. Não forçai suas inclinações, bem como não os empurrai desde a infância para um meio perigoso para eles.

Homens do campo, que vivem sob o olhar de Deus, em contato com a natureza, estudai todos os seus mistérios, aprofundai toda a sua grandeza. Sede caridosos e bons entre vós, é uma lei de reciprocidade; sede indulgentes uns com os outros, evitando as más intenções bem como as más ações. Sede caridosos com as pequeninas criaturas que o bom Deus semeia ao redor de vós, não para exercer vosso domínio, mas ao contrário para exercer vossa caridade. Sede bons e doces, na medida do possível, para com os empregados que vos ajudam nos trabalhos. Não olhai para eles como instrumentos de trabalho, mas como amigos; sim, amigos fracos e incapazes de se sustentarem, que o Senhor vos concedeu para cuidar, fazendo a eles o que eles devem fazer para vocês. Não destruíis ao acaso os seres que vivem ao redor de vós: há necessidade de vos defender das depredações que eles cometem, mas não ides além.

Pobres pequeninas criaturas de Deus, chamadas como vós para receber suas graças, para receber as provas de seu imenso amor, que vocês destroem sem necessidade, sem motivo, o que conseqüentemente lhes trará prejuízos⁶². O estudo da natureza é necessário a quem vive em contato contínuo com ela. Direcionai vossas pesquisas em direção a este objetivo. Saiba discernir: o que é prejudicial do que é inofensivo. Compreendei a obrigação que Deus vos impõe, mesmo em relação a vossos animais. Cuidai deles, pois eles serão cada vez mais belos e melhores; tornai doce suas existências que as necessidades de vossa vida vos forçam a retirar. Sede caridosos, meus bem-amados, pois tudo que vive é obra do Senhor, e o inseto que corre sobre vossos pés é, ele também, uma criança da terra, uma obra de vosso Pai comum.

Mesmo Espírito
Médium, Sra COLLIGNON
(*Sauveur des peuples*, 2º ano, No 15, 15/05/1865)

⁶² Pode-se observar o prejuízo, neste caso, sob dois aspectos diferentes: materialmente, desequilibrando a harmonia da autodestruição dos animais, favorecendo desta forma o aumento de uma espécie em detrimento de outra com proporções perigosas para as colheitas; espiritualmente, em se tornando responsável diante de Deus por estes seres que ele nos fez mestres e não seus exterminadores (nota do original francês).